

De livros, de óculos, de barba: fotobiografia abreviada de Reinaldo Santos Neves

About Books, Glasses and Beard: Reinaldo Santos Neves' Brief Photobiography

Paulo Roberto Sodré*

A Fotografia não fala (forçosamente) daquilo que não é mais, mas apenas e com certeza daquilo que foi.

Roland Barthes

Folheando biografias, em geral acompanhadas de fotos, como a de Eça de Queirós, Fernando Pessoa ou de Monteiro Lobato e Clarice Lispector, deparei uma forma de desaguar uma série de fotografias que amadoramente fiz de Reinaldo Santos Neves, desde que o conheci, no escritório da editoria da Fundação Ceciliano Abel de Almeida (FCAA), na Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), no início dos anos de 1980, onde e quando conversamos sobre seu *A crônica de Malemort* (1978) e começamos uma amizade literária e mais adiante profissional.

* Doutor em Letras pela Universidade de São Paulo (USP).

Ainda que de fotos seja o teor do que aqui se planeja, não se trata de um álbum de fotografias, como pretendeu Maria Clara Medeiros Santos Neves, ao postá-lo no site de Estação Capixaba, no ano em que se comemoraram os 70 anos de Reinaldo Santos Neves²⁵ (2016), mas uma espécie de crônica literária imagética ou uma quase biografia por meio de retratos tirados aleatoriamente ao longo de 30 anos.

Se nos lembrarmos de que uma biografia “constitui a representação, muitas vezes em forma de relato, da vida de uma determinada personalidade, no desenrolar da sua existência, no seu crescimento e maturação, nos eventos que lhe deram peculiaridade [...]” (REIS; LOPES, 1987, p. 46), teremos em vista uma narrativa conduzida pelas imagens que de alguma maneira, e aqui parcialmente, revelam o percurso de um autor. Neste sentido, o que se pretende neste relato é uma biografia que se constrói “em termos de revelação, patenteando gradual e calculadamente diferentes etapas de desenvolvimento de uma vida”, que pressupõe “uma atitude selectiva por parte do biógrafo, que elege os eventos dignos de menção [...]” (REIS; LOPES, 1987, p. 46) para seu propósito pontual: expor o que as imagens conseguem narrar e registrar. Assim considerando, a seleção aqui realizada se dá tanto no recorte da cronologia como na parte da vida do biografado: a produção literária publicada entre 1980 e 2010, período que as fotografias acompanham mais de perto.

Se se usa o termo biografia, gênero consagrado desde os antigos de Grécia e Roma, é para introduzir a *espécie* de biografia que pretendo mais nitidamente apresentar: uma fotobiobibliografia parcial. No neologismo incluem-se os objetos que serão alvo deste “conto”, por conciso, biográfico: uma vida e uma bibliografia reveladas em forma de imagens. Como se sabe, as palavras *biografia* e *fotobiografia* circulam com mais frequência pelas publicações; a primeira, dada a sua permanência na produção cultural, consta por exemplo do *Dicionário de termos literários*, de Harry Shaw (1982) e ainda mais especificamente do

²⁵ Doravante RSN.

Dicionário de narratologia, de Carlos Reis e Ana Cristina Lopes (1987). A respeito da segunda, Fabiana Bruno, em “Fotobiografia: uma proposta antropológica e estética” (2014), nos lembra que, à semelhança da narrativa sobre a vida de alguém, o termo

é empregado para remeter a um conceito alinhado a narrativas humanas, e que por sua vez, movimenta-se para além da utilização unicamente descritiva ou ilustrativa da imagem fotográfica, nos convidando a pensar na existência de histórias visuais, que têm como origem camadas de significações, quer seja de memórias, de imaginação, quer sejam de descobertas imagéticas. Uma espécie de arqueologia visual de histórias de vida (BRUNO, 2014, p. 10).

Uma “história visual” de RSN, portanto, é o que se busca neste rol de imagens. Isso requer necessariamente uma posição metodológica do fotobiógrafo. Do mesmo modo que biografar é “descrever a trajetória única de um ser único, original e irrepetível; é traçar-lhe a identidade refletida em atos e palavras; é cunhar-lhe a vida pelo testemunho de outrem; é interpretá-lo, reconstruí-lo, quase sempre revivê-lo” (CARINO, 1999, p. 154), e está inserido tanto no “gênero literário” como na “fonte historiográfica” (p. 177), o fotobiografar oscila metodologicamente entre a historiografia (já que o relato parte de documentos visuais, a fotografia) e a literatura (já que à narração de uma biografia por meio de retratos subjaz recortes, olhares subjetivos e memória, sempre uma rede intrincada de imprecisões e imaginação). Prevalecerá nesta narração a dimensão literária, mas aquela vinculada, por exemplo, à crônica jornalística, em que a atenção aos fatos, mesmo que numa visada subjetiva de texto verbal e imagético, ganha relevo.

Por esse motivo restritivo, uma fotobiografia entronca num “roteiro possível de vida”, num tipo de “florilégio importante de uma vida” (BRUNO, 2014, p. 14), levando-se em conta o panorama²⁶ escolhido, neste caso, a produção literária de RSN acompanhada e fotografada por mim (e, quando imprescindível, excepcionalmente por outros fotógrafos) entre 1980 e 2010.

²⁶ Conjunto de imagens eleitas para a montagem da fotobiografia (BRUNO, 2014, p. 15).

Claro está que este rol de imagens se coaduna, por um lado, com uma espécie de cronologia, baseada em dados historiográficos, que pretende dar ao leitor um quadro o mais completo possível das principais datas relacionadas à biografia acompanhada de imagens do autor escolhido. Por outro, esse quadro evita um amplo campo contextual (familiar, educacional, afetivo, profissional, político, social etc.), haja vista a limitação da recolha pessoal e pontual de imagens referentes à produção literária desse autor de que pode ser, de alguma maneira, “testemunha ocular”.

Na verdade, ao fotografar RSN, e mais esporadicamente Oscar Gama Filho, Miguel Marvillia e Valdo Motta, nos anos 1980 e 1990, alentei um projeto de produzir fotos e filmes sobre seu ambiente literário ou fotobiografias despreziosas que registrassem e tornassem mais visíveis para o público capixaba e brasileiro esses autores impressionantes. Por diversas razões, em especial pelo fato de frequentarmos e trabalharmos no mesmo local na Ufes, acabei por acompanhar RSN mais de perto e fotografá-lo mais regularmente do que os outros.

Diante da ideia de uma revista inaugural do Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples), dedicada a sua obra, seja pelo fato de ser um dos mais representativos escritores vivos do Estado, seja pela sua contribuição sem preço como coordenador durante anos desse Núcleo, não foi difícil perceber o oportuno da composição deste escopo de fotobiobibliografia.

Neste sentido, ocorreu-me expor as imagens que guardei de alguns momentos da produção de romances, contos, poemas, estudos e eventos de RSN. Separadas por décadas, desde 1980 a 2010, isto é, 30 anos de certo acompanhamento de “repórter fotográfico” amador com câmeras incipientes (Olympus Trip-35, nos anos de 1980; Canon AE-1 Program, nos de 1990, e Sony Cyber-Shot, nos de 2000), mas capazes de registrar de algum modo a evolução da barba, dos óculos sempre discretos e dos livros brilhantes que publicou (e vem publicando) o mais tímido dos escritores da Ilha.

Vale notar ainda que a montagem desta fotobiobibliografia se deu a partir dos dados reunidos em “Reinaldo Santos Neves – Biobibliografia”, de Maria Clara Medeiros Santos Neves, no mencionado site Estação Capixaba (2001-). Como não se pretende a exaustividade na composição da *grafia*, a sequência de texto verbal será reduzida ao mínimo possível – evitando-se, infelizmente, o que Saint-Beuve tornou famoso, os “retratos literários”, com biografia e opiniões críticas sobre as obras dos escritores selecionados por ele (CARINO, 1999, p. 167) –, de modo a destacar a narrativa fotográfica propriamente dita. Esta, naturalmente, seguirá o percurso do tempo com inevitáveis lapsos e saltos temporais, uma vez que as imagens conservadas é que darão o sentido da memória recuperada. Decerto, um dos pontos importantes da fotobiobibliografia é o projeto gráfico, a dispor imagens, parágrafos e informações de modo criativo, como na de Monteiro Lobato (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997). Não será o caso deste esboço, dada a modicidade da formatação de um trabalho para periódico acadêmico.

Em que pese o fato de as biografias (inclusive as fotobiografias) transitarem desde a Antiguidade entre o discurso moralista, laudatório ou comemorativo, e considerando que “não se biografa em vão. Biografa-se com finalidades precisas: exaltar, criticar, demolir, descobrir, renegar, apologizar, reabilitar, santificar, dessacralizar” (CARINO, 1999, p. 154), este trabalho de memória se vincula propositalmente a uma documentação histórico-literária, cuja finalidade visa o conhecimento por imagens de um autor fundamental para a *literatura brasileira feita no Espírito Santo*.

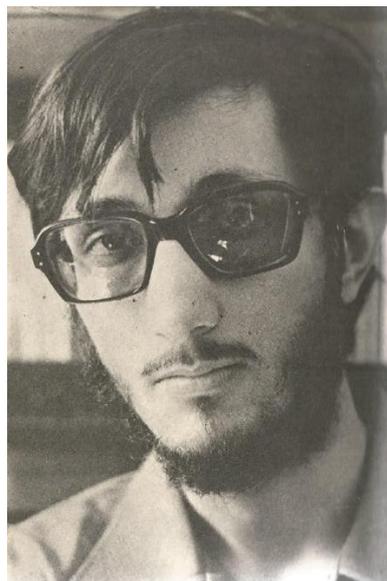
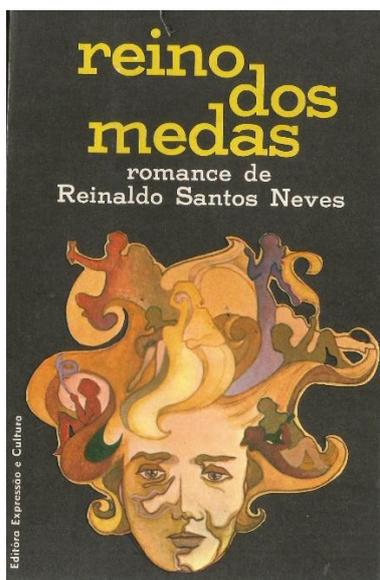
**Década de 1980-1989:
de *Letra a Sueli*, passando por mãos *gracianas* e romancieiros**

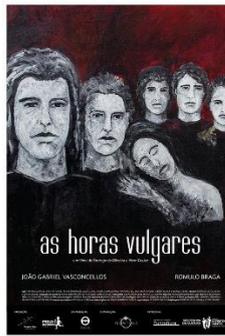


A method involving apparent obscurity is surely justified when it is the clearest, the simplest, the only method possible of saying in full what the writer has to say.

Richard Hughes

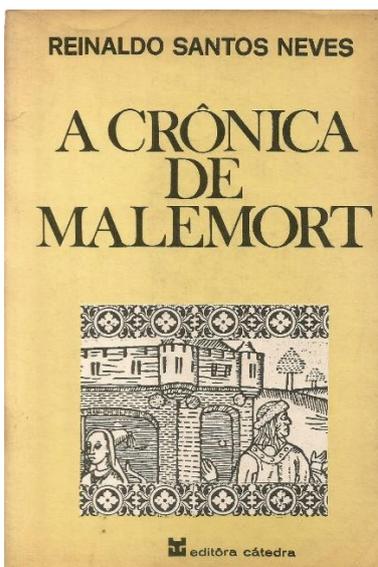
Embora meu itinerário de leitor de RSN tenha começado com o *Reino das Medas* (1971), menção honrosa, junto com J. Veiga, no Prêmio do Instituto Nacional do Livro, de 1973 – que contemplou *A pedra do reino*, de Ariano Suassuna –, e adaptado para o cinema por Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize, em 2011,





A capa e a contracapa de *Reino dos Medas* (foto de Jorge Sagrilo), "romance em desuso" para RSN, e o cartaz da adaptação cinematográfica de Rodrigo de Oliveira e Vitor Graize.

e com a *A crônica de Malemort* (1978), romances publicados no Rio de Janeiro,

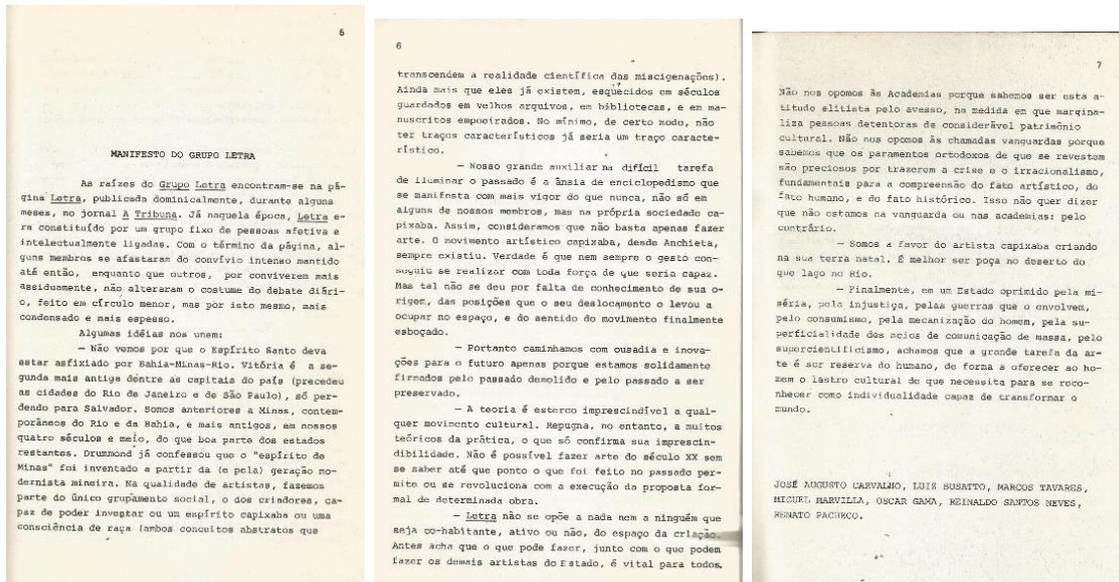


Thomas Mann, o *eleito* para compor o intertexto de *A crônica de Malemort*.

é a partir dos anos seguintes que começo a acompanhar o autor com uma câmera à mão.

Nessa época, início dos anos de 1980, chama a atenção o Grupo Letra, formado por José Augusto Carvalho, Luiz Busatto, Marcos Tavares, Miguel Marvilla, Oscar Gama Filho, Reinaldo Santos Neves e Renato Pacheco, que desenvolve em Vitória sobretudo um periódico de divulgação de textos literários e estudos do próprio grupo, *Letra*, incrementando o ambiente cultural na Ilha. RSN foi o editor, a partir

do segundo número, junto com Oscar Gama Filho e Renato Pacheco, da revista anual de curta duração: sete números, de 1981 a 1987. Aliam-se desde então as duas atuações centrais desse capixaba nascido em 1946: a de autor e editor.



O "Manifesto do Grupo Letra" (Vitória, n. 1, 1981) e seus componentes:



José Augusto Carvalho, Luiz Busatto, Marcos Tavares (foto sem crédito),

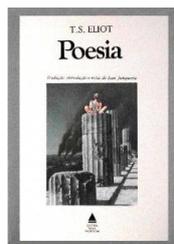
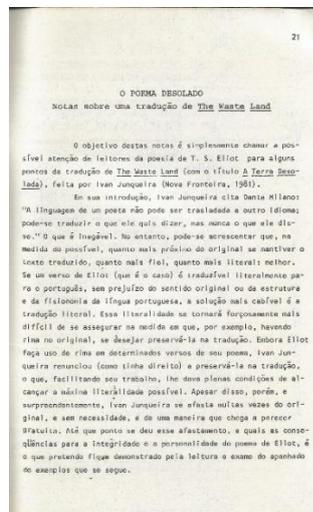
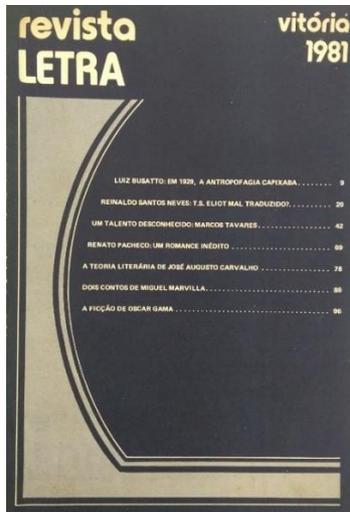


Miguel Marvilla, Oscar Gama Filho e Renato Pacheco (foto sem crédito).



A Ufes nos anos de 1980 (foto sem crédito). O prédio da FCAA como principal ambiente para a produção autoral e editorial de RSN.

A graduação em Letras Português e Inglês na Ufes (concluída em 1968, ainda no prédio da Fafi [Faculdade de Filosofia]) não animou Reinaldo Santos Neves a enveredar pela produção acadêmica propriamente dita, senão excepcionalmente, como ensaísta, ao tratar, por exemplo, da tradução de Ivan Junqueira do poema de T. S. Eliot, em "O poema desolado: notas sobre uma tradução de *The Waste Land*, de T. S. Eliot", no primeiro número da revista *Letra*, de 1981.



Primeira página do artigo de Santos Neves sobre a tradução de Ivan Junqueira de *The Waste Land*, em *Poesia* de T. S. Eliot.

Além da atividade editorial e ensaística, deu a público no segundo número da revista *Letra* (1982) "O poema graciano", em que traça e anuncia o perfil do protagonista Graciano Daemon, de *As mãos no fogo*, prestes a ser lançado em 1984, e *A ceia dominicana*, que só virá à impressão em 2008.

revista **LETRA** vitória 1982

CONVIDADO ESPECIAL:

FERNANDO TATAGIBA: TRÊS CONTO INÉDITOS	6
OSCAR GAMA: ESTAÇÃO TRÉBLINKA GARDEN	11
MIGUEL MARVILLA: ESPARTA E OUTROS POEMAS	22
JOSÉ AUGUSTO CARVALHO: TRÊS VISÕES DE CANUDOS	43
RENATO PACHECO: JUIZ NO ALEGRE E EM COLATINA 1968-1971	53
MARCOS TAVARES: CONTO INÉDITO	61
REINALDO SANTOS NEVES: POEMA GRACIANO	71
LUÍZ BUSATTO: O BICHO ANTROPÓIDE	89

POEMA GRACIANO

From such chaotic mish-mash potpourri
What are we to expect but poetry?
T. S. Eliot, *The Waste Land*
(versos excluídos do texto definitivo)

Para Oscar Gama

1

Druidas do mar de Vigo,
o poema começa comigo.

Começa mas não começa,
que antes do primeiro verso
vêm todos os testamentos
de quem passou pela morte e não morreu.
Bem como antes destas ondas
vêm ondas tantas,
cabelos de tempo e de oceano,
que vão dinta barbã à cabeça do Orfeu.

Da por entre:
antes de cada palavra
vem sua etimologia,
antes de um pensamento
vem toda a mitologia,
antes do poema —
a poesia.

Não tem começo
esta biografia:
não tem início
e aqui se inicia.

10

20

10

Quando nasci, nasci descalço e sem luvas,
mas comigo trazendo a boca cheia de abelhas.

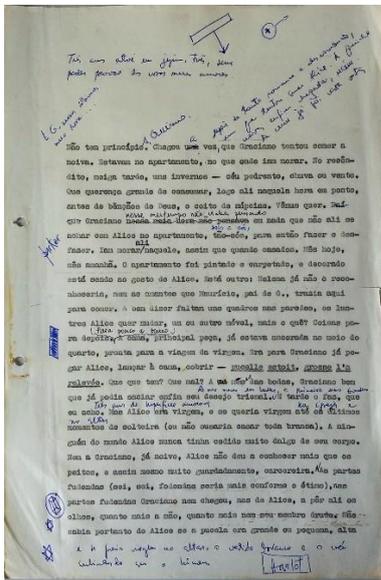
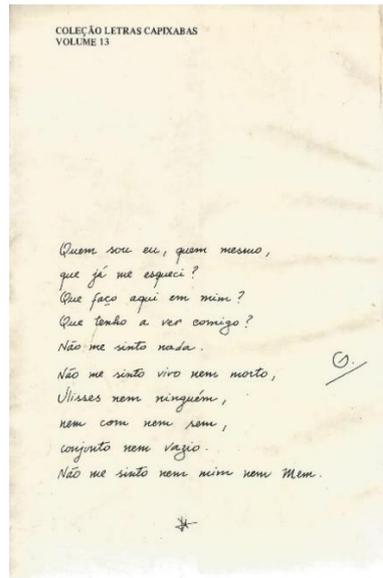
72

Alguns comentários a respeito do número anterior da Revista Letra :

De RUBEM BRAGA: "Uma trepidante revista capixaba. (...) Publica o Manifesto do Grupo Letra. Várias afirmações, todas razoáveis, menos esta, que me deixa meio cabreiro: 'Somos a favor do artista capixaba criando na sua terra natal. É melhor ser poça no deserto do que lago no Rio'. Luiz Busatto assina um interessantíssimo artigo sobre o 'Movimento Antropofágico no Espírito Santo', e Reinaldo Santos Neves faz severas críticas à tradução de 'The Waste Land' de T. S. Eliot feita por Ivan Junqueira. (...)'" (Revista Nacional).

No número 2 da *Letra* a publicação de "O poema Graciano" e, na contracapa, o comentário de Rubem Braga sobre a revista e o artigo crítico de RSN sobre *The Waste Land*.

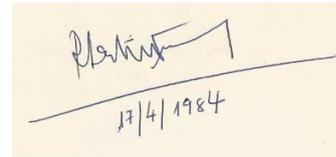
O poema, assim, prepara o leitor para o romance *As mãos no fogo: o romance graciano*.



Datiloscrito da primeira página de *As mãos no fogo* e as anotações de RSN.



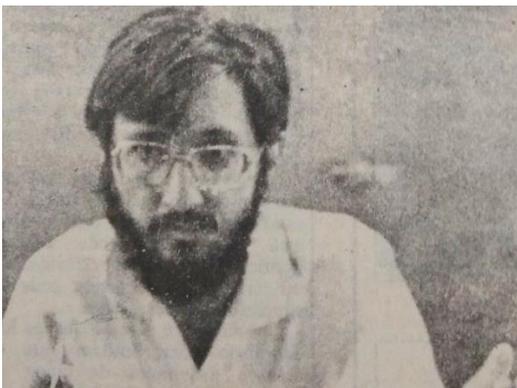
Richard Hughes, inspiração inglesa para *As mãos no fogo*.



O romance e o autógrafo.



Herbert Daniel (foto sem crédito), autor da orelha "As mãos no fogo".



RSN (foto sem crédito) em matéria de *A Gazeta*, sobre lançamento de *As mãos no fogo*.

A GAZETA — VITÓRIA (ES), QUARTA-FEIRA, 25 DE ABRIL DE 1984

Dois anos antes, em 1982, junto com Oscar Gama Filho e Renato Pacheco, RSN desenvolve o trabalho de coordenação na Divisão de Editoria da FCAA, onde já em 1980 havia iniciado a publicação da famosa Coleção Letras Capixabas, com 40 títulos, de que constam autores consagrados como Geir Campos, Mendes Fradique e Rubem Braga; já conhecidos no meio letrado, como Amylton de Almeida, Bernadette Lyra, Fernando Tatagiba e Luiz Busatto, e estreantes, como Debson Afonso, Flávio Sarlo, Ivan de Lima Castilho e Sebastião Lyrio.



Manginhos, um dos cenários importantes para o imaginário dos textos de RSN.



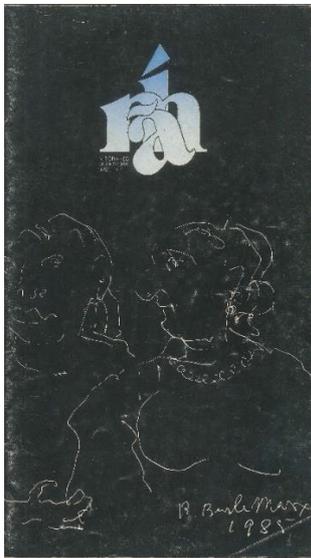


Pedro José Nunes fotografou e publicou no *Tertúlia* os 40 títulos da Coleção Letras Capixabas. *As mãos no fogo: romance graciano* e *Sueli: romance confesso* compõem esse mosaico bibliográfico da literatura capixaba, um dos empreendimentos mais notáveis do trabalho editorial de RSN.

Antes do aguardado lançamento de *Sueli: romance confesso*, ocorre a edição em 1985 e, mais tarde, em 1989, na revista *Ímã*, dirigida por Sandra Medeiros, de contos de inspiração no romanceiro popular português que, publicados alguns preliminarmente na *Letra*, mais tarde serão reunidos em *Má notícia para o pai da criança*, de 1995.



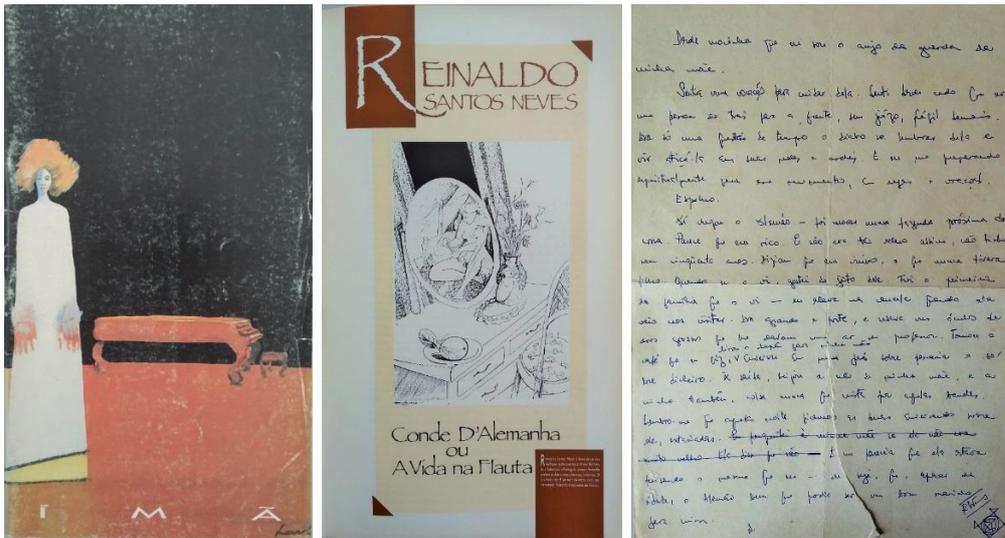
Logo da FCAA, Ufes, fomentadora da cultura no Estado.



Número primeiro de *Ímã* de 1985 e o conto "Conde preso".



No número 4 da revista *Ímã*, de 1989, a vez de "Conde D'Alemanha ou a vida na flauta". Em ambas as edições os traços de Attilio Colnago. O manuscrito.



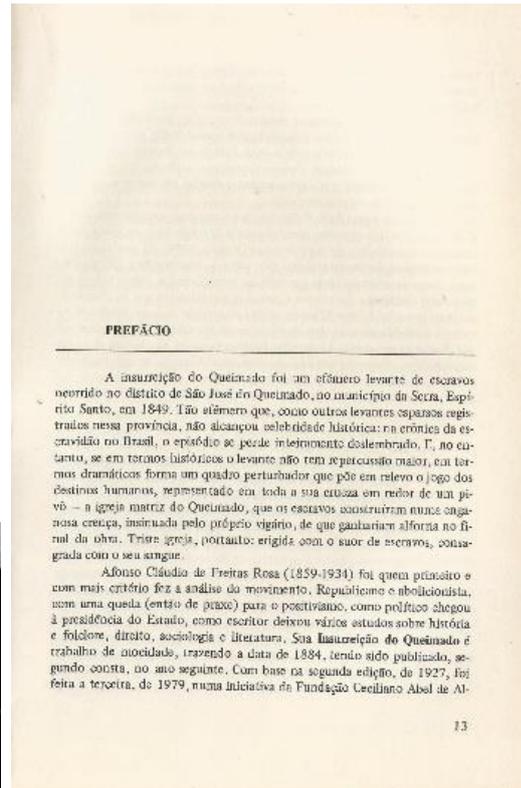
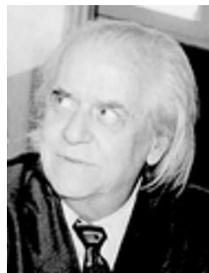
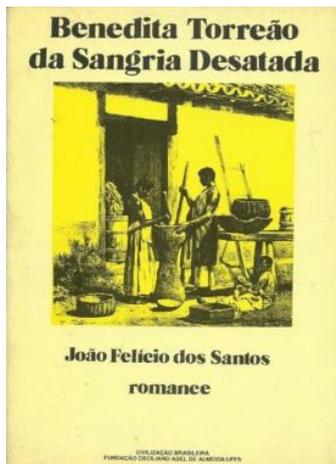
Lançado *Sueli: romance confesso* (Vitória, 1989), sua repercussão consagra o autor que elabora narrativas voltadas alternadamente para situações urbanas contemporâneas (*Reino dos Medas* e *As mãos no fogo*) e medievais (*A crônica de Malemort* e os contos baseados nos romanceiros).



De *Sueli: romance confesso*, 500 exemplares numerados e rubricados pelo autor.

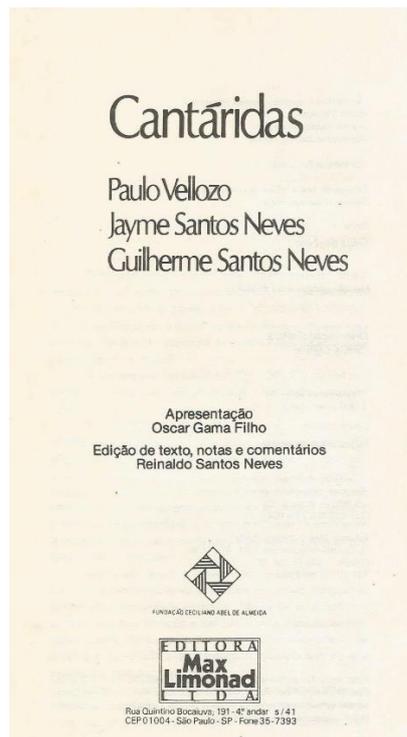
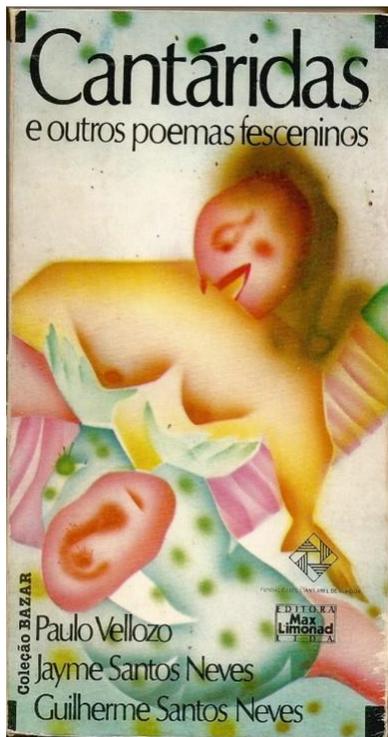
A caligrafia de RSN no rascunho manuscrito da primeira página do

Frequentemente, RSN atuou como apresentador (em formato de prefácio ou orelha) de autores veteranos e iniciantes. Em 1983, prefaciou *Benedita Torreão da Sangria Desatada*, de João Felício dos Santos, numa coeditoria da Civilização Brasileira e FCAA/Ufes, que ele coordenava.



João Felício dos Santos, um dos leitores de RSN, durante a feitura de *A crônica de Malemort*. O "Prefácio" de Santos Neves para *Benedita*.

De 1985 é a série de notas linguísticas, culturais e contextuais que acompanham a publicação de um dos clássicos da poesia fescenina no Brasil feita por capixabas, *Cantáridas e outros poemas fesceninos*, cujos autores, Paulo Vellozo, Jayme Santos Neves e Guilherme Santos Neves, fizeram parte da história e da formação literária de RSN.



Os autores Jayme Santos Neves (tio de RSN), Guilherme Santos Neves (pai) e Paulo Vellozo (amigo de ambos) (fotos do acervo familiar) na época da produção de *Cantáridas*, anos de 1930.



De intensos afazeres editoriais e literários, a década de 1980 traçou de algum modo o perfil e as diretrizes que serão permanentes no percurso intelectual de RSN: o autor de narrativas em constante busca da singularidade da linguagem e de criteriosa pesquisa intertextual, e o editor atento e exigente a garantir espaço a autores ou esquecidos no jogo caprichoso da memória ou à procura de um lugar no prelo.

**Década de 1990-1999:
de *Você*, passando pelas crônicas de jazz e sonetos, aos primeiros
itens da fortuna crítica de RSN**



O escritor é um homem que mais do que qualquer outro tem dificuldade para escrever.

Thomas Mann

No rastro da década anterior, a Ufes continua a cumprir seu papel de fomento cultural. Durante a gestão de Francisco Aurelio Ribeiro frente à Secretaria de Produção e Difusão Cultural (SPDC), RSN inicia a edição da revista *Você*, junto com João Carlos (Joca) Simonetti Jr., entre 1992 e 1995.



O primeiro número de *Você* (Vitória, 1992), o editorial e "Chá e fantasia", seção assinada por RSN.

Você
Ano 1 — no. 1 — junho, 1992
Vitória, Espírito Santo

Revista Mensal de Divulgação Cultural

Coordenação de Literatura e Fichas Secretarias de Prod. e Difusão Cultural Universidade Federal do Espírito Santo

Esta publicação faz parte das edições Cadernos de História que a Prefeitura Municipal de Vitória vem desenvolvendo em conjunto com o Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo

Apelo: Fundação Alvaro Tristão

Tiragem: 1.000 exemplares

Editores:
Joca Simoeschi
Reinaldo Santos Neves

Colaboradores:
Arlindo Ferreira, E. Gerardo, Thionex, Erlé dos Anjos, Francisco Góssi, Guilherme Santos Neves, Humberto Capri, Leiza Carrelli, Manoel Antônio Vieira, Mendes Fradique, Renato Pacheco e Roberto Morais

Ilustração da capa:
Paulo Roberto Sodrê

Journalista Responsável:
Rosane Volpári — reg. no. 405-ES

Diagramação e edição eletrônica:
Faz Casca Simoeschi Jr.

Scanner e laser film:
Miroslav B. Marinko
Fundação Cecíliae Abel de Almeida

Impressão, acabamento e finalizações:
Artgraf

Correspondência para:
Você
Ca. Postal 517 — Vitória — ES
Cep. 29.001-979
95 (027) 329 171 (1, 274)

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Começo de Conversa

Você por quê? Porque queremos manter com os nossos leitores um diálogo de mesa de botiquim. Queremos passar para a frente a ideia de que cultura e conhecimento não têm de ser tratados nem com pompa nem com cerimônia, e muito menos com uma linguagem hermética, que exclua aquele sujeito que está ali, interessado em, digamos, cinema, mas que não é Mestre nem Ph.D. em semiótica ou coisa parecida. O jogo de idéias não tem de ser chato e pode ser empolgante. As duas maiores paixões entre os bizantinos eram as corridas de biga e as especulações sobre o mistério da Santíssima Trindade. E toda noite saíam brigas homéricas nas tabernas de Bizâncio por causa de uma coisa ou de outra.

Você, pronomo de tratamento que pressupõe intimidade: diz muito bom qual é a política editorial da revista: linguagem coloquial, humor, cartas na mesa — iscas para que o leitor chegue e converse.

Rogério Medeiros, vice-prefeito de Vitória e Renato Pacheco, presidente do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, nos deram a mão desde que saímos à cata de parceiros para esta aventura. Na Ufes, o apoio veio de Francisco Aurélio Ribeiro, secretário de Produção e Difusão Cultural, e de Arlindo Salles Garcia, diretor-executivo da Fundação Cecíliae Abel de Almeida. Aos demais que estão conosco neste primeiro número — Aracruz Cellulose, Livraria A Edição, Instituto Brasil-Estados Unidos de Vitória, Fundação Jônico Tristão, Colégio Salesiano, Artgraf — o nosso agradecimento por terem confiado em quem só tinha uma ideia em bruto para mostrar.

Aqui está Você — a ideia capixaba.

Chá e fantasia

Reinaldo Santos Neves

A sombra de um perverso parece pairar sobre estas cartas. Mas por que não lê-las como a expressão de uma sensibilidade profundamente artística dançando a música da hipocrisia vitoriana a fim de realizar impune ideais estéticos anti-conventionais? De qualquer forma, trata-se de uma personalidade intrigante, como era de esperar de um gênio. Conhecemos duas de suas máscaras: a do austero Charles Lutwidge Dodgson, clérigo da Igreja Anglicana e professor de matemática na Universidade de Oxford, e solitário covicte; e a do alegre e brejeiro Lewis Carroll, o pirado cronista do País das Maravilhas, namorado de todas as meceninhas do Reino Unido. Um e outro parece fundirem-se na figura do curioso imperitante que se dedicava a um hobby de vanguarda na época, a fotografia (sob-se que fotografava desde 1856, quando tinha 24 anos), e que escolhia como tema favorito as crianças — de preferência nuas em pélo. Quem em ele na verdade, esse ilustre sábio de Sua Majestade Britânica? Um quebra-cabeças como tantos que ele mesmo inventou. Um homem que passou pela vida e ainda não morreu: foi, continua sendo, e sempre será, enquanto a gente tiver interesse em histórias sem pé nem cabeça e em meter o nariz na vida dos outros.

&

Veio de um amigo a sugestão de tra-

Você, junho 1992

duzir algumas cartas de Lewis Carroll para o primeiro número da revista. O texto utilizado foi o de *The Selected Letters of Lewis Carroll*, organizado por Morton N. Cohen (não, infelizmente, a edição da Oxford University Press, em dois volumes, de 1979), contendo a bagatela de 1305 cartas, mas a edição resumida, da Pantheon, de 1982, contendo apenas 320). Infelizmente, também não foi possível localizar nenhuma das fotografias citadas nas 13 cartas traduzidas, se é que ainda existe alguma delas.

Christ Church, Oxford
18 de junho de 1877

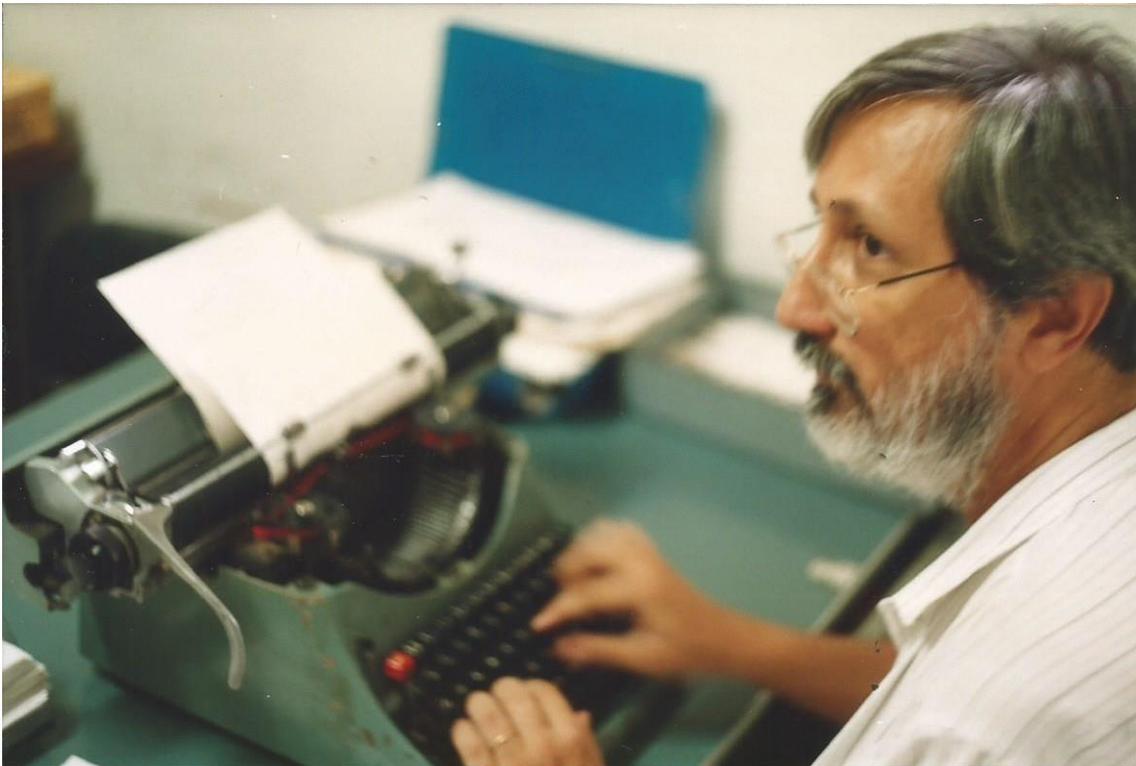
Prezado Sr. Henderson,

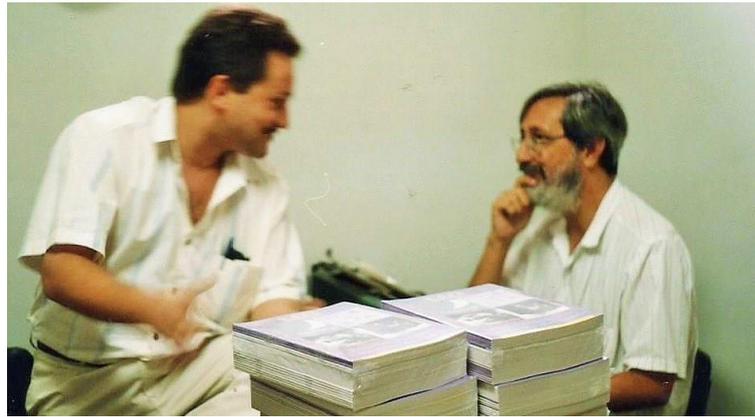
Tantas vezes, com tamanha insistência, tenho sido instado a não deixar (como fotógrafo-amador cuja especialidade é "crianças") de lhe pedir consentimento para fotografar suas 2 mecninas (que nem cheguei ainda a ver), que estou escrevendo para dizer que pretendo ficar aqui até o fim do mês, e terei muito prazer se o senhor, ou a Sra. Henderson, puder aparecer com elas — não para serem logo fotografadas (mas eu consigo fazê-lo com estrabismo), mas para travarem conhecimento com o lugar e o artista, e para ver como recebem a ideia

Reinaldo Santos Neves é escritor e um dos editores desta revista.

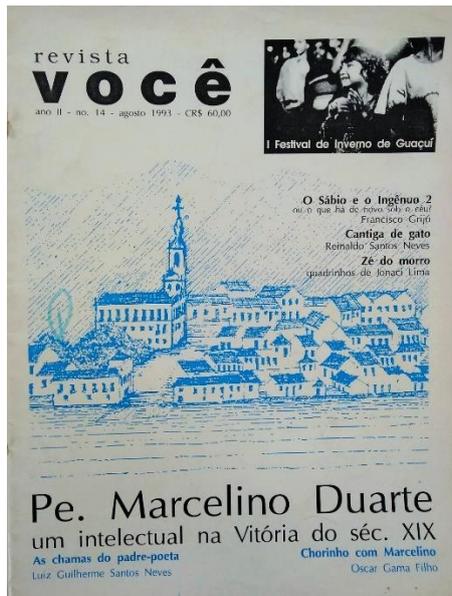
5

No escritório da editoria da SPDC-Ufes, a máquina e a preparação das matérias a serem publicadas na *Você*.

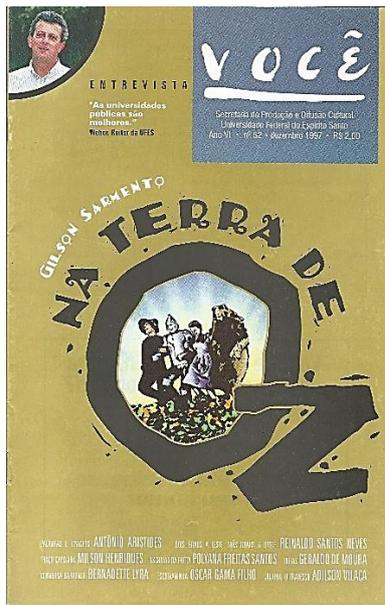




Joca Simonetti e Santos Neves, no momento da distribuição dos exemplares aos assinantes da revista.



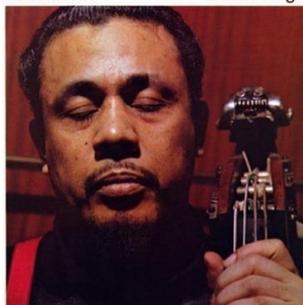
No número 14, de 1993, RSN comenta a tradução de Augusto de Campos do "Jabberwocky" de Lewis Carroll: "Cantiga de gato".



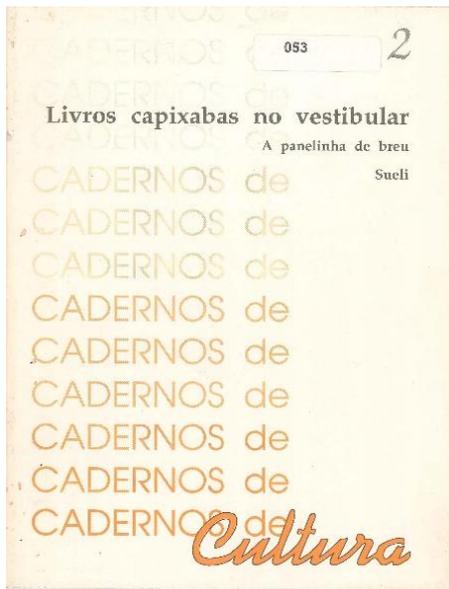
RSN divulga na *Você*, n. 52, de dezembro de 1997, uma série de crônicas sobre jazz publicadas na Gazeta On Line. Está impresso em papel Garibaldi, o "ouvidor-mor do jazz".

Charles Mingus e Art Pepper, referências musicais de Garibaldi/RSN.

Blues & Roots Charles Mingus



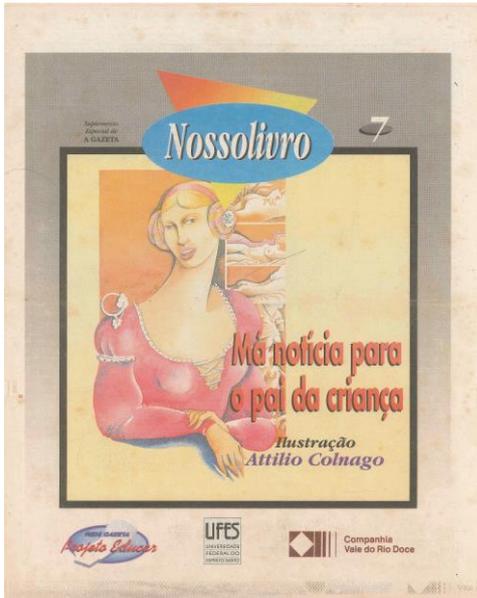
Nesse período, RSN não só produz e publica obras fundamentais para sua própria literatura, como incentiva, colabora e enseja publicações importantes para o Estado. Além disso, seu *Sueli: romance confesso* é adotado para o vestibular da Ufes, o que levou Deny Gomes, Francisco Aurelio Ribeiro e Telma Boudou a produzirem artigos sobre a narrativa. O resultado desses primeiros itens da fortuna crítica de RSN é impresso no *Cadernos de Cultura* (Vitória, n. 2, 1993).



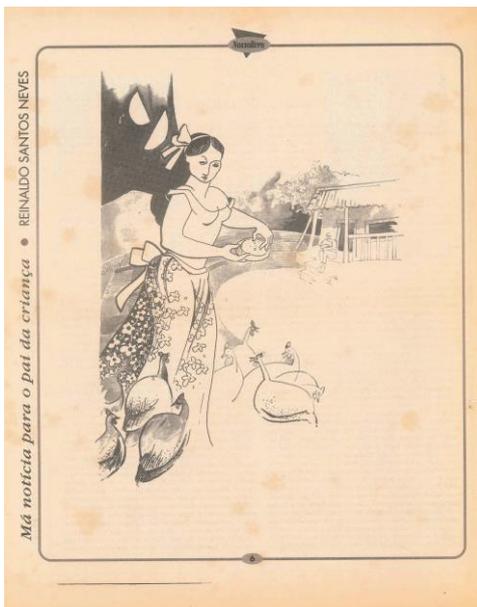
Deny Gomes (foto de Gildo Loyola), Francisco Aurelio Ribeiro e Telma Boudou publicam os primeiros estudos acadêmicos sobre *Sueli*.

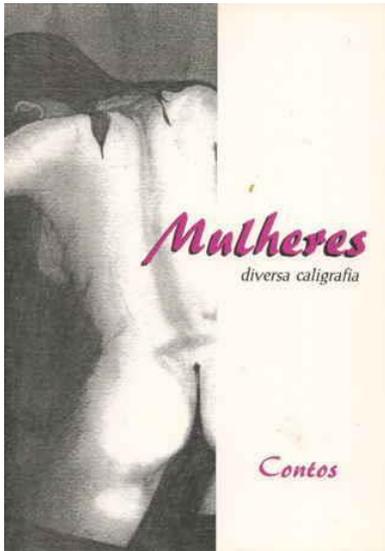
Uma das publicações mais aguardadas de RSN desde a década passada era a série de contos inspirados no romanceiro medieval, com alguns deles publicados avulsamente. Em 1995, no projeto Nossolivro, desenvolvido pela Rede Gazeta em parceria com a Ufes, ocorre a publicação do encarte em tabloide de *Má notícia*

para o pai da criança, coletânea de nove contos. No mesmo ano, participa de uma coletânea de contos organizada por Pedro José Nunes, *Mulheres: diversa caligrafia*.

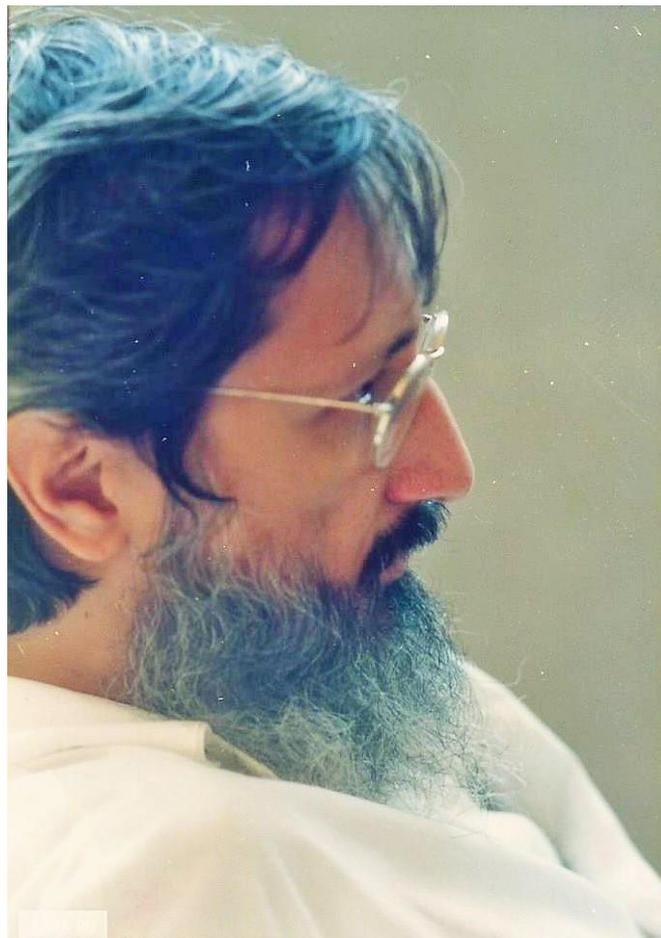


No encarte de *Má notícia para o pai da criança*, uma cronologia de RSN com fotografias do acervo pessoal e as ilustrações de Attilio Colnago.



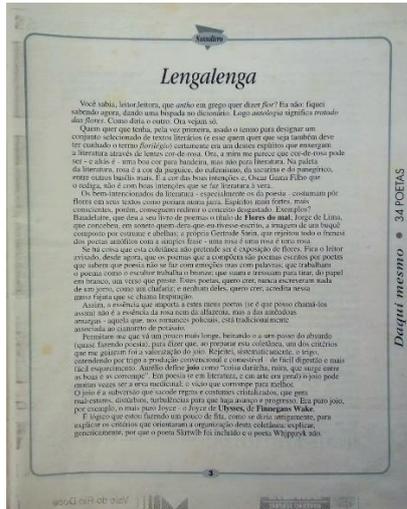


A caligrafia de RSN para *Mulheres*, coletânea de contos organizada por Pedro José Nunes.



RSN em perfil de autor russo.

Em seguida, para o mesmo projeto, seleciona e edita poemas de autores capixabas, que intitula *Daqui mesmo: 34 poetas*. “Lengalenga” é o título de sua introdução.

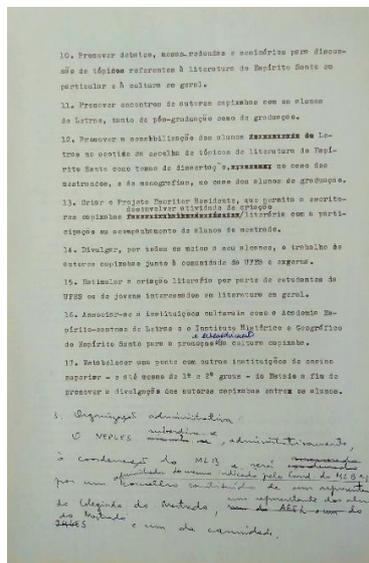
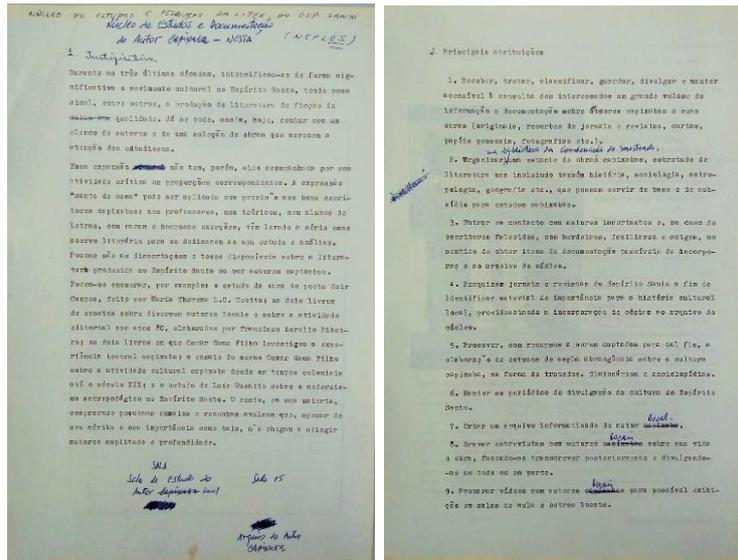


A apresentação “Lengalenga” de RSN para *Daqui mesmo 34 poetas*.



RSN e sua figura clássica: óculos de aro dourado atentos e uma esferográfica no bolso da camisa. E a barba já registrada desde a foto de Jorge Sagrilo.

Em 1996, o Núcleo de Estudos e Pesquisas da Literatura do Espírito Santo (Neples) foi criado por Francisco Aurelio Ribeiro, como órgão vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN) da Ufes.

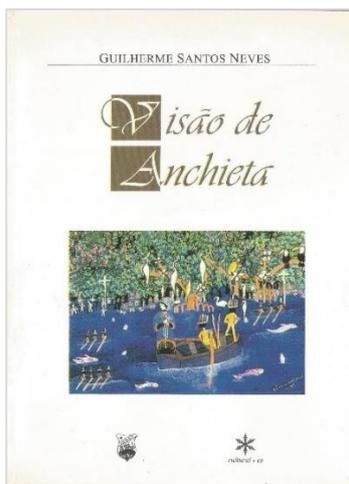
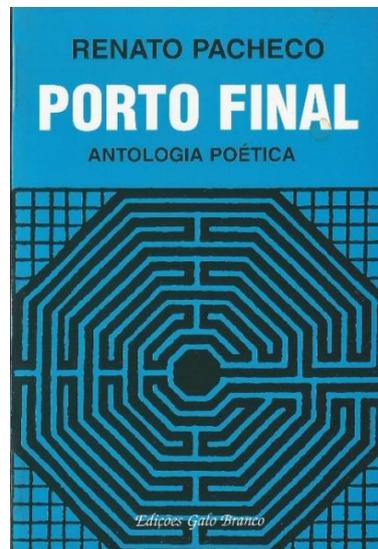
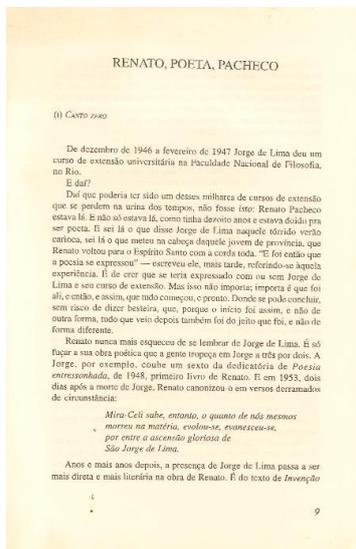


Minuta do projeto de criação do Neples e as anotações de RSN.

A primeira coordenação ficou por conta de Reinaldo Santos Neves, cuja gestão durou de 1996 a 2012. Essa temporada foi preenchida com diversas atividades,

em especial, a de divulgação da literatura espírito-santense, seja por meio de apresentações, recolhas e reedições de obras, seja por meio de eventos.

Em comemoração aos 70 anos de Renato Pacheco, RSN seleciona e introduz com “Renato, poeta, Pacheco” o *Porto final: antologia poética*, publicada pela editora Galo Branco, do Rio de Janeiro, em 1998. Como trabalho de recuperação editorial, cite-se *Visão de Anchieta*, uma série de estudos de Guilherme Santos Neves sobre José de Anchieta, publicado pela Cultural-ES e pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 1999.



Em 1998, para surpresa de seus leitores de narrativa (e após anos de silêncio de sua produção poética, divulgada principalmente na *Letra*), RSN lança *Muito*

soneto por nada, pela Cultural-ES, Vitória. Sonetos amorosos dedicados a Jose, "flor como que de lótus, como se de ópio", outra *senhor fremeosa* a assombrar a linguagem de RSN, em retorno ao verso.

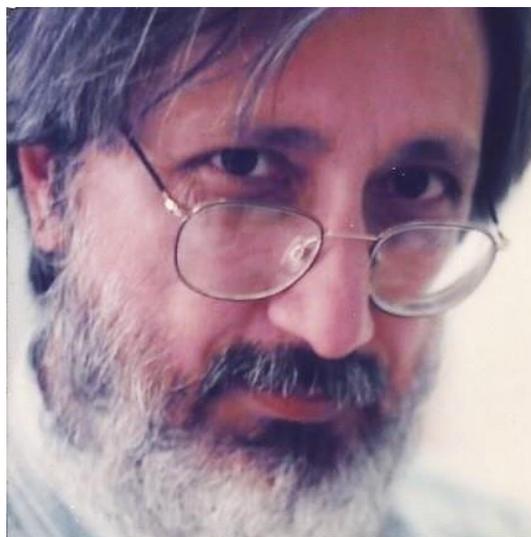
Recente o teu corpo é flor da tua idade,
misteriosa flor, sem nome flor, que
não existe fora dentro da tua flor,
e no entanto quanto me envolve ela, flor
como fu de lótus, como se de ópio,
só de bruar fu um dia eu polia, eu, poeta,
perei a língua em poeta sem terge
8 Tornado no teu outro, e fizeste,
9 eu, amante, servir por um hábito e coxos,
maijando-te de amor a tua pele
e de suor, fu eu belo, eu, apaixonado,
gota a gota, até duçar à tua boca,
onde me dá tua brava se honra
e tua palavra: fu eu angula; e morra.

1990
8 e deixante,
9 eu, amante, sem passado nem futuro,
9 sem plano pro passado ou pro futuro,



Reinaldo
25/6/98

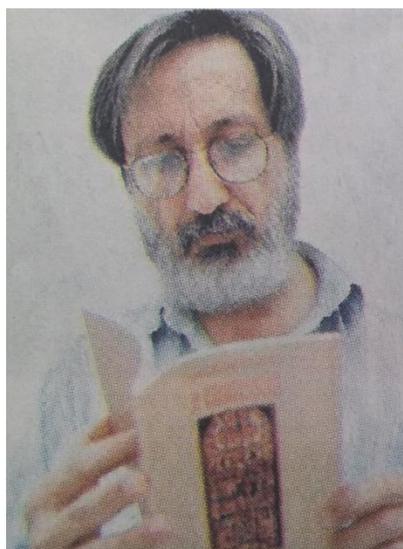
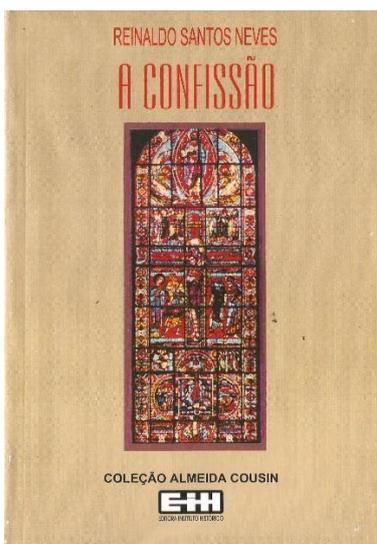
O manuscrito, o livro e o autógrafo para os joseanos poemas.





RSN em seu apartamento no Parque Moscoso.

No ano seguinte, *A confissão* vem a público. Nele RSN mostra sua versatilidade narrativa, apresentando-nos uma novela em traço de *Initiation Story* norte-americana. A edição é do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, inserta na Coleção Almeida Cousin.



O leitor de seu livro. RSN (foto sem crédito) folheia *A confissão*.

No projeto do jornalista e cronista José Irmo Gonring, em que autores publicariam crônicas na Gazeta On Line, RSN embarca na produção desse gênero e volta a dar voz ao empertigado Garibaldi, comentarista-mor do jazz, no período de 1997 a 1999. Esses textos serão divulgados nos últimos números da *Você e*, mais tarde, reunidos no livro *Dois graus a leste, três graus a oeste*, de 2013.

Nos anos de 1990, RSN está em plena produção de uma revista ao primeiro, salvo engano, romance brasileiro de tema e linguagem medievais, *A crônica de Malemort*. O projeto agora é traduzir para o inglês o texto original, intitulado *An Ivy Leaf* o que lhe enseja um processo criativo que se desdobrará no que Lillian DePaula, em sua tese de doutorado realizada na Universidade de São Paulo, em 2000, chamará de autotradução.

And the first thing he did he said... 801-161

— for this is the deadliest of all the ill deadly sins, in that the body & soul of man, [the] which ought to be God's own home, is made the devil's home by reason of that sin. So then Roger Bonaventure, when he returned back to his signory of Melmore, he was in no mind to will but all only to save a queen, because time had left him no place nor room for such feats of arms while he fought the English. So then he sent for one of the widowers, who was called by name Torice & had a quaint face & sides long & large, & a full night he passed in her company: it was night following when he sent for her, & he rose of the clock ~~in the morning~~ when he dressed her out of his chamber. By the time the sun was gone to set he sent for her again, & the next day he did likewise, so that they continued so to do day by day, the space of many days. The season was all days of his hot love for Anne the blonde, when he had not withheld from mourning & sitting so as to get her in his bed, as you have heard here before in this history. Now he had had all appetite of her, & could not but think upon her with great desire: he would nothing if she were dead or alive. As for himself, troubled as he was, turned to the Melmore's chaplain for love & comfort, & it was not long after, but she began to have ado with him, so that they slept together ever day on & by on.

What then of the daughter & born of Roger Bonaventure? For all that under yote, already they were right fair & full servants of saturnal, but [right] chastely were, as they were wont to do always to be, hourly, nightly, daily, summer & winter, as long as they lived. They had a pic & his wife fulling, they loved each other above all other earthly creatures. Her years were full eighteen, & she was fiercer than

They were married in sin... 801-152

against God & nature.

an Ivy leaf

1	Não é virtude em Melmore	9-11
2	Exício da cruz	11-13
3	Crusada a Norte	13-14
4	No castelo do senhor de N.	14-15
5	Alturas perto do senhor de N.	15-18
6	Luto, Confusão de V. e Roger B.	18-19
7	Bojars/O. dos pastores de V.	19-20
8	Almas Bonaventure e seu pecado	20-21
9	Selva de V. e Roger de N.	21-23
10	Almas B. e Roger de N.	23-24
11	Almas de Roger de N.	24-25

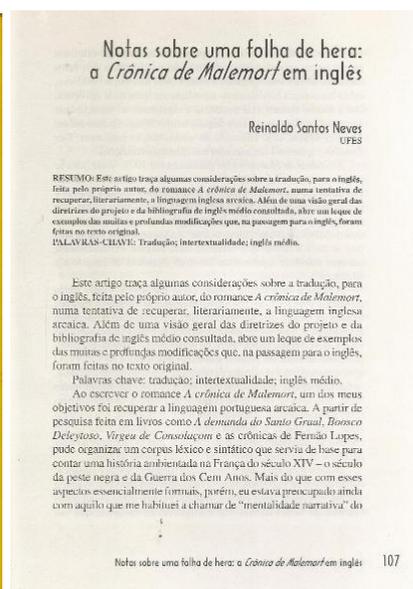
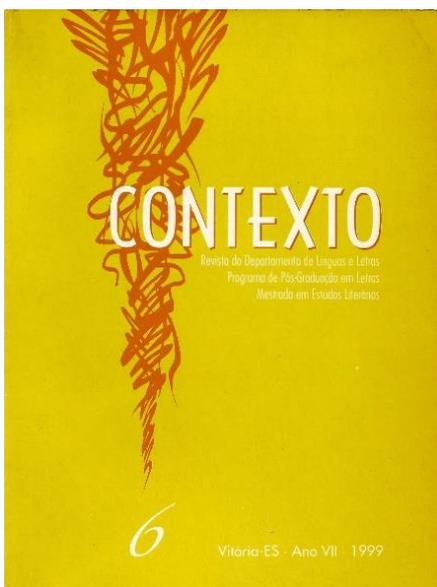
any summer rose, & brighter than the light of day. She used to be him ~~the world's~~ made, & so to her also. She would down her soul for him, & he for her, but yet they dared not to carry their love beyond their eyes & hands & words, first because they feared the greatness of their sin, secondly because of the certainty of their father's wrath. As for the bastard, they sought out some of the women in the fields & had their pleasure of them so well they might; & Jerry, the younger of the two, when to if he could not find a woman to do with as he pleased, he would go sweep & other deeds & lewdness them before in the most shameful use & straight that ever I heard. Thus, boys, he comforted some Jack's word, that men had nothing so evil as himself.

Página inicial de *Malemort* numa primeira versão para o inglês.

RSN em Ponta da Fruta.



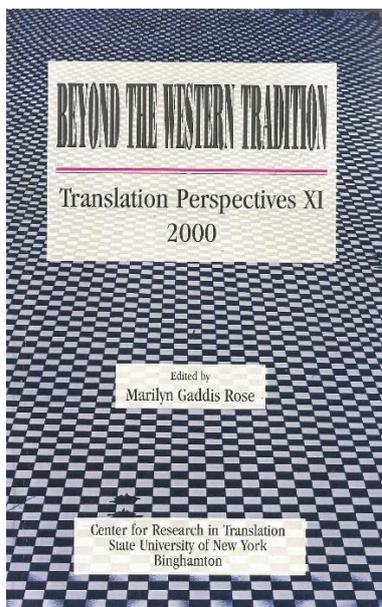
Ademais de se dedicar a uma pesquisa linguística intensa para a realização do romance em inglês medieval, RSN também produzirá artigos e palestras acadêmicas, de modo a elucidar os bastidores desse empreendimento literário. Um desses estudos, “Notas sobre uma folha de hera: A crônica de Malemort em inglês”, foi publicado no número 6 da *Contexto: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras* (1999).





Lillian DePaula, pesquisadora de tradutologia, interlocutora fundamental do projeto de autotradução de Santos Neves. Suas reflexões sobre esse processo de RSN serão publicadas na tese de doutorado desenvolvida na Universidade de São Paulo, *A invenção do original via tradução, pseudotradução e autotradução*, em 2002.

Apesar de publicado em 2000, é desse processo de reflexão o artigo "Translation or Whatever: The Anglicization of a Novel in Portuguese Set in the Middle Ages", publicado na *Translation Perspectives* (volume XI), revista do Center for Research in Translation, da State University of New York, em Binghamton.



*Translation or Whatever:
The Anglicization of a Novel in Portuguese Set in the Middle Ages*

REINALDO SANTOS NEVES

A Crônica de Malemort, my second novel, is set in France in the Middle Ages, and its plot roughly spans the years 1346-56. It tells the story of a French knight and his sons and daughter as they follow a tragic path of violence and sin to their inevitable doom. Albeit not an historical novel, fictive characters are set against such historical events as the 1348-50 plague (later known as the Black Death) and the tide of the Hundred Years' War fought between the French and the English.

When I sat down in the early 70's to write this novel, one of my goals was to recapture the Medieval Portuguese language, which to the best of my knowledge, nobody had attempted so far except in poetry or laws attempted since. Based on research work in such medieval literature as *A Demanda do Santo Graal* (a Portuguese version of the Grail legend), *Bosaco Delicioso* (an allegorical prose work in the vein of *Piers Plowman*), *Virgem de Consolação* (a treatise on virtue and sin), and the chronicles of Fernão Lopes, I was able to build up a corpus of lexical and syntactical structures to write this novel as if it were a medieval chronicle itself. Yet, along with such formal aspects, I was also concerned with the prose style of medieval writers, or, as I prefer to call it, with their "narrative mind."

Accordingly, a specific character was created for the single purpose of telling the story. Although he took no part in the action as a whole, he had been a contemporary of the actual characters themselves. As such, his role in the novel was to narrate the story as would a man of his era. Hence my attempt to absorb and reproduce the "narrative mind" implicit in prose writings of those times. This is broadly what Thomas Mann did in his novel *Iber* *Erdölite*, and such a device allows for a double-edged narrative approach, that is, both a literal and a paradoxical reading of the text. Linda Hutcheon surveys this and other aspects of contemporary novel in her *A Poetics of Postmodernism*.

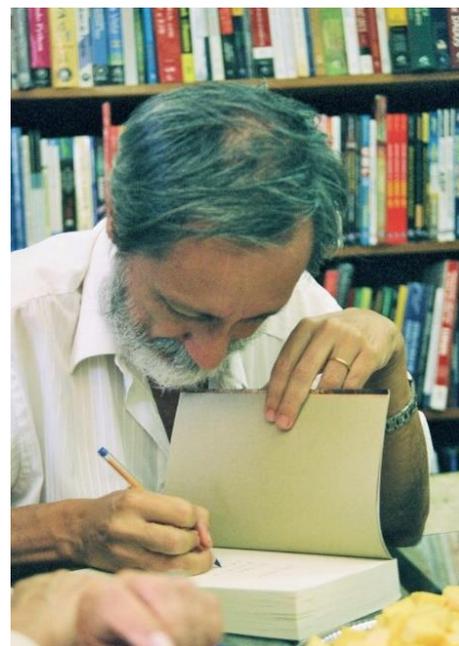
A Crônica de Malemort was published in 1978. Now I am engaged with Lillian DePaula in a research project at the Department of Language and Literature of the University of Espírito Santo, in Vitória, Brazil, where my contribution is to transpose, or to transfer, or to transplant this novel into English. If I prefer to identify this task as a trans-whatever or even as an Anglicization rather than as a translation, this is due to some

311

Revista norte-americana em que a editora Marilyn Gaddis Rose publica o artigo de RSN.

Em que pesem a multifacetada realização de trabalhos editoriais e a publicação de poemas e novela bem conseguidos e bem recebidos criticamente, os romances germinados e elaborados nesse período (e no caso de alguns, desde os anos de 1980, como *A ceia dominicana*) aguardarão a década seguinte para a guinada na produção literária de RSN.

**Década de 2000-2009:
de Crinquim a uma longa história de *ceia* graciana, entremeados por
bravos companheiros e fantasmas**



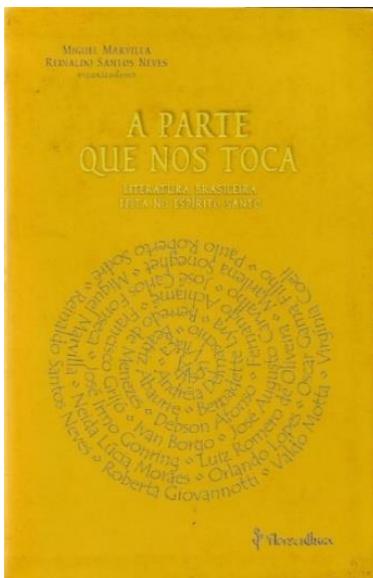
Whatever coast he's on, a man should be himself. I don't write in any particular idiom, I write Charles Mingus.

Charles Mingus

Essa década traz inesperadas imersões de RSN em campos ainda não explorados de sua produção literária: novos gêneros, novos leitores, eventos e livros-anais,

além da manutenção de sua produção mais permanente: narrativas e apresentações de livros.

Em 2000, em coorganização de Miguel Marvilla, edita *A parte que nos toca: literatura brasileira feita no Espírito Santo*, pela editora idealizada por Miguel Marvilla e Christoph Schneebeil, Flor&Cultura. O propósito é reunir autores de diferentes linguagens em uma coletânea representativa das letras espírito-santense.



A parte que nos toca no projeto gráfico de Miguel Marvilla.

Essa expressão (“literatura brasileira feita no Espírito Santo”) ganhará vulto na publicação no mesmo ano de um mapa da história literária capixaba. Atualizando os dados da *História da literatura do Espírito Santo*, de Afonso Cláudio (1912) e do *Panorama das letras capixabas*, de José Augusto Carvalho (1982), RSN escreveu o *Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo*, disponibilizado no site Estação Capixaba, abrangendo das origens ao ano 2003.

Mapa da literatura brasileira feita no Espírito Santo

© 01/2016 | Literatura, Mapa da Literatura, Reinaldo Santos Neves, Teoria e Crítica, Visão geral | 3 Comentários



Ilustração do livro Nova Escola para aprender a ler, escrever e contar, de autoria de Manuel de Andrade Figueiredo, publicado em Portugal no ano de 1722 (1a. edição).

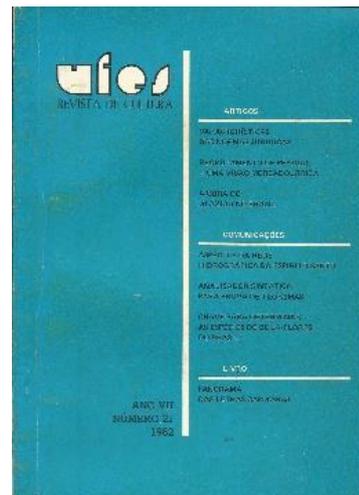
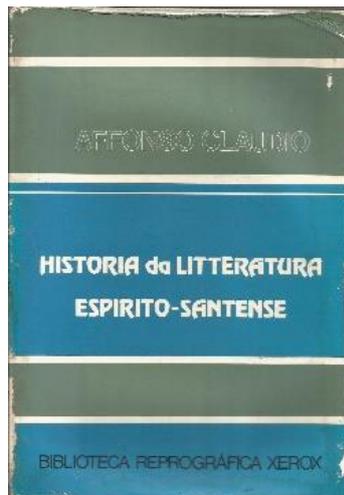
Sumário

Introdução: Questão de limites

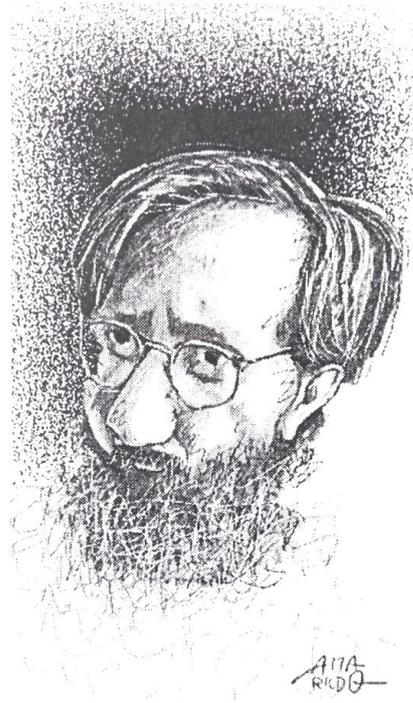
Primeira parte: Do século XVI ao Poema Mariano

- a) As primeiras manifestações
- b) José de Anchieta
- c) Dois séculos de quase nada
- d) O Poema mariano

Segunda parte: O século XIX

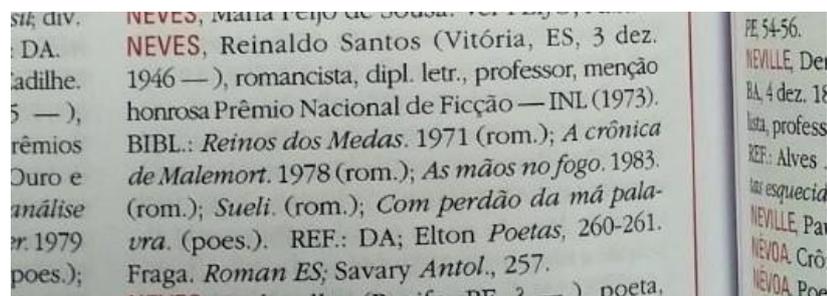
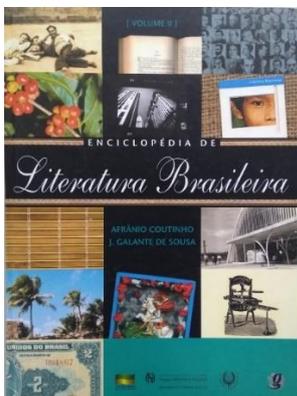


O Mapa de RSN e suas fontes centrais, *História da literatura espírito-santense*, de Afonso Cláudio, e *Panorama das letras capixabas*, de José Augusto Carvalho, publicado pela *Revista de Cultura da Ufes*.



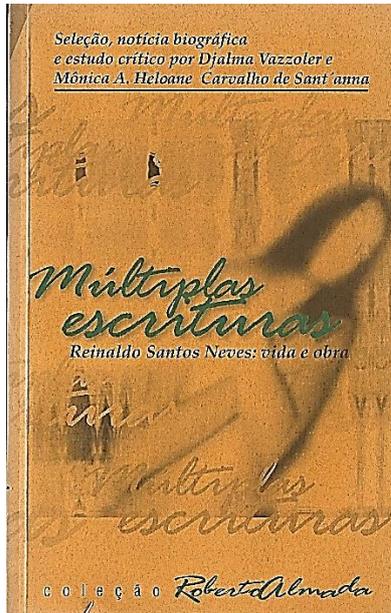
O traço de Amarildo trazendo à tona o jeito tímido de RSN.

Em termos de fortuna crítica, Afrânio Coutinho e J. Galante de Souza registraram a obra de RSN na *Enciclopédia da Literatura Brasileira*, primeiramente editada em 1990 e depois na 2ª, de 2001.



Apesar das gralhas e lacunas (os subtítulos foram excluídos), o verbete de Coutinho e Galante indica obras fundamentais para bibliografia de RSN até 2000, como *A crônica de Malemort* e *Sueli*.

Para o volume 8 da Coleção Roberto Almada, produzida pela Prefeitura Municipal de Vitória, Djalma Vazzoler e Mônica A. Heloane Carvalho de Sant'Anna assinam, em 2002, *Múltiplas escrituras: Reinaldo Santos Neves: vida e obra*, com seleção de textos, notícia biográfica e estudo crítico.



Sumário

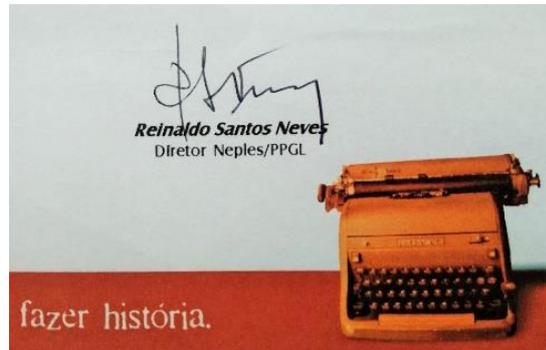
Apresentação	07
Introdução	09
Notícia Biográfica	11
Cronologia	16
Comentário	18
Antologia	55
Romances	
A crônica de Malemort	57
As mãos no fogo	65
Sueli: romance confesso	77
Novela	
A confissão	91
Contos	
Silvaninha ou má notícia para o pai da criança	99
Conde Olavo ou Tudo como dantes no quartel de Abrantes	105
Poesia	113

O sumário de *Múltiplas escrituras* demonstra a abrangência do estudo crítico.

Ainda em 2001, RSN inicia uma parceria Neples-PPGL-Ufes-Gráfica do Espírito Santo para a publicação, junto com Sérgio Blank, de uma coleção de crônicas. Entre os títulos estão *Praça Oito* (2001), de Eugênio Sette, *Daqui e dali* (2002), de Alda Estellita Lins, e *O rebelde precoce* (2003), de José Carlos Oliveira.



Sebastião Pimentel (Ufes), Lino Machado (PPGL) e RSN (Neples) em evento que selou o acordo para a realização da coleção de crônicas (foto sem crédito).

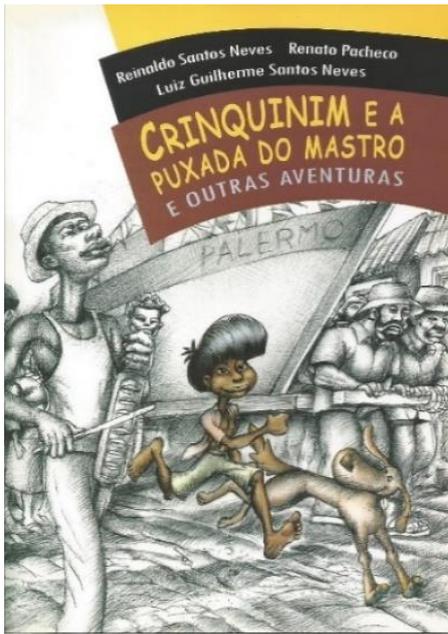


A rubrica de RSN no projeto e os volumes da coleção.

No início e final da década, RSN investe também em novo público. *Crinquim e o convento da Penha* (2001) e *Crinquim e a puxada do mastro* (em coautoria de Luiz Guilherme Santos Neves e Renato Pacheco [2008]) são narrativas para crianças sobre dois ícones da cultura espírito-santense: o Convento da Penha e os festejos da puxada do mastro ao som de bandas de congo, em que se destaca a casaca.



O *Crinquim* de RSN no desenho de Paola Sarlo.



Reinaldo Santos Neves
Renato Pacheco
Luiz Guilherme Santos Neves

CRINQUINIM E A PUXADA
DO MASTRO
E OUTRAS AVENTURAS

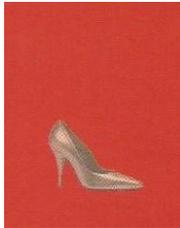
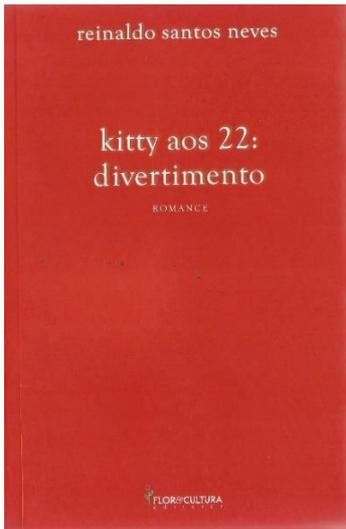



 cultural . es
 Centro Cultural de Estudos
 e Pesquisas do Espírito Santo

Vitória, 2008

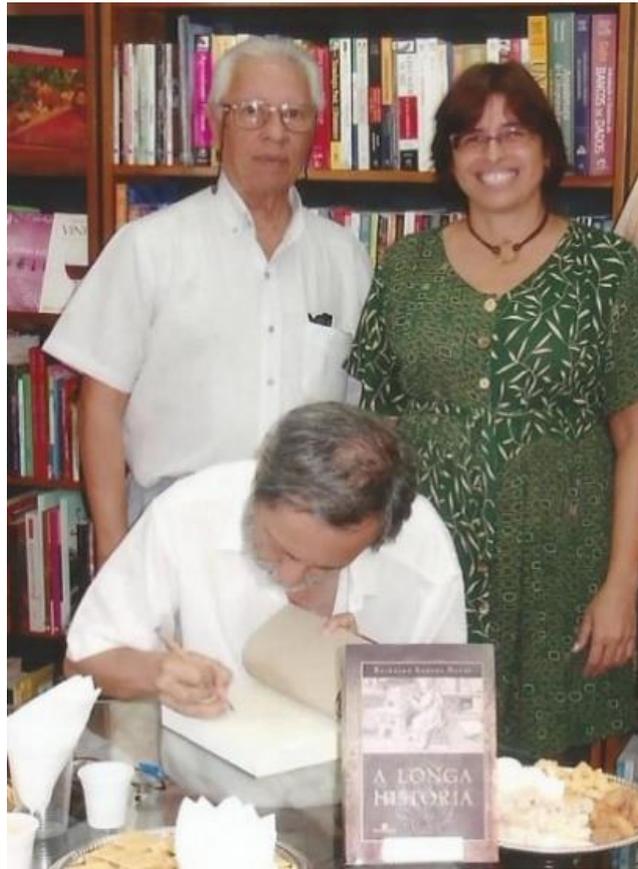
O *Crinquinim* segundo Marcelo Antonio Bicalho dos Santos.

Numa sequência igualmente inesperada, RSN lança com intervalos relativamente pequenos, mas resultantes de longos períodos de escrita (e/ou digitação), narrativas muito distintas entre si, seja pelo tempo em que se passam as situações, seja pelo temário: *Kitty aos 22: divertimento* (jovens internetados numa Vitória cheia de contradições sociais), pela Flor&Cultura em parceria com a Cultural-ES, em 2006; *A longa história* (o trajeto medieval de um noviço em busca de uma história para entreter a condessa), pela Bertrand-Brasil, do Rio de Janeiro, em 2007, e *A ceia dominicana* (um recém-casado perambula por uma mítica Manguinhos em busca de alento para seu naufrágio afetivo), também pela Bertrand, em 2008.

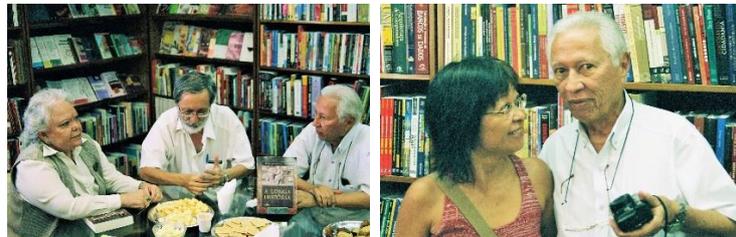


O romance, o marcador de livro, a metáfora inspirada em *Cinderela* e a matéria em *A Gazeta*.





Maria Clara Medeiros Santos Neves, Luiz Guilherme Santos Neves e RSN.

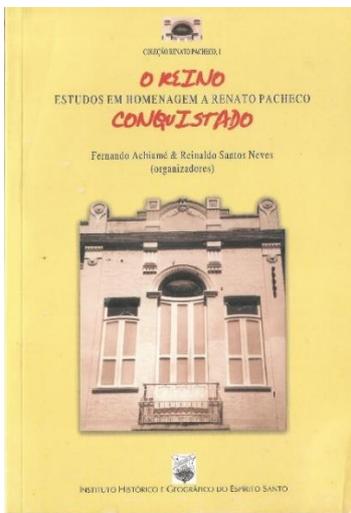


Deny Gomes, RSN, Luiz Guilherme Santos Neves, Linda Kogure,



Inês Aguiar Santos Neves, Rogério Coimbra, Pedro Nunes e Luiz Romero de Oliveira (Salsa), entre os familiares e amigos presentes.

Renato Pacheco, dos nomes mais brilhantes da cultura capixaba, recebe uma série de estudos organizados por RSN e Fernando Achiamé, *O reino conquistado: estudos em homenagem a Renato Pacheco*, publicado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo, em 2003. No ano seguinte, edita *A cultura capixaba: uma visão pessoal*, de Renato Pacheco, obra póstuma, também pelo Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo. Em termos de apresentação da literatura contemporânea feita por aqui, *Instantâneo*, de 2005, é um exemplo de antologia que visa a promoção de novos autores.



A TÍTULO DE ARENGA

Dentre as centenas de crônicas antológicas que José Carlos Oliveira escreveu ao longo de sua profícua carreira de escritor, uma delas por certo se impõe como especialmente antológica para nós, do Espírito Santo: a crônica que escreveu sobre nós, os capixabas, a que tem o título de "Nós, os capixabas".

Aquele a quem esse título possa reacorar meto que óbvio e banal, peço que absteja para o seu notável significado digamos político: pois ali está contida uma declaração de naturalidade por parte daquele que muitos, na época, deviam impor carências raras, porque era sem dúvida um dos mais caridosos dentre os cronistas cariocas. Ou seja, em três palavras o grande escritor brasileiro José Carlos Oliveira assume conscientemente a sua condição de capixaba, de modo que esse título, ainda que meio que óbvio e banal, estabelece, com a gritante visibilidade de um outdoors, o fato concreto e irrevogável: esta é uma crônica sobre os capixabas, e eu sou um deles.

Pois bem. Nessa crônica ingressa-nos aqui em particular a seguinte passagem:

A modestia dos capixabas se encontra até no hino oficial do Estado. O autor da letra, em dado instante, lança uma longa mirada sobre a história espírito-santense, à procura de heróis, sábios e mártires. Não encontrando nenhum, confessa singelamente no seu hino:

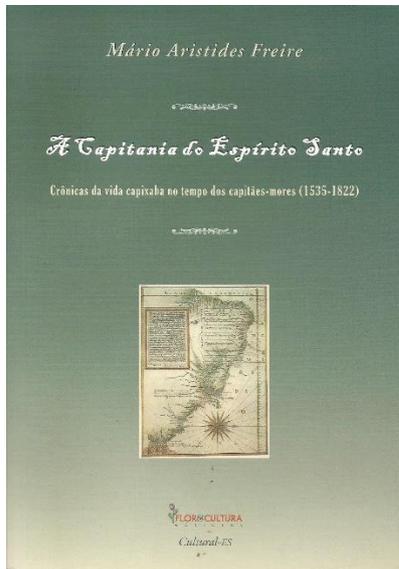
*Se as glórias do presente forem poucas,
Acabei para nós, posteridade!*

Até agora a posteridade não deu resposta.

Foi lá pelo final do século XIX que o velho Peçanha Póvoa, autor da letra do hino, lançou por cima do ombro o anzol do olhar para recolhê-lo sem ter ligado peixes em quantidade suficiente para fritar em uma ou duas estrofas. Não sei de quando é a crônica de José Carlos, de que só conheço a versão reproduzida na revista

Instantâneo, em parceria com Eryl Vieira Jr. (foto sem crédito), publicado pela Secretaria de Cultura do Espírito Santo.

Com Fernando Achiamé edita *A capitania do Espírito Santo*, de Mário Aristides Freire.



Mário Aristides Freire

A parceria com Fernando Achiamé (foto sem crédito) garantiu edições de obras historiográficas fundamentais para a cultura do Estado.



Além de publicações, RSN foi convidado para palestras sobre seus romances, em especial *Kitty aos 22*. Em laboratórios de criação literária, desenvolvidos como disciplina no Curso de Letras da Ufes, o escritor conversou, em 2008, com os alunos impressionados com sua linguagem baseada em blogs juvenis na Internet.



RSN, os alunos de criação literária e o bate-papo sobre *Kitty aos 22*.



Na mesma linha de exposição sobre seu trabalho narrativo, em 2008, RSN deu várias palestras para os alunos de ensino médio.



Francisco Grijó (em pé) conduz a conversa de RSN com os alunos sobre *Kitty aos 22* (foto sem crédito).

Entre uma atividade e outra, nas manhãs de sábado, RSN se reunia com um grupo para conversar sobre literatura na Livraria Logos, de Sílvio Folli. “Sabalogs” foi o apelido cunhado por Renato Pacheco para os encontros.



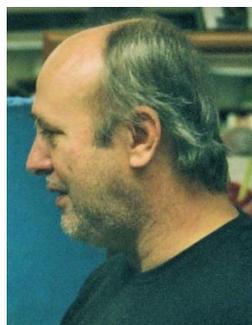
Parte do grupo reunido: Sérgio Bichara, Renato Pacheco, RSN, Fernando Achiamé (Sílvio Folli, ao fundo, à esquerda), Luiz Guilherme Santos Neves, João [Bino Moreira] Bonino e Ivan Borgo (literariamente, Roberto Mazzini).

Embora fundado em 1996, somente nos anos de 2000 RSN empreende no Neples um dos eventos mais importantes para a divulgação de estudos da literatura capixaba: *Bravos Companheiros e Fantasmas: Seminário sobre o Autor Capixaba*. Inaugurado em 2004, o evento foi realizado bienalmente, cada qual com homenageados. O primeiro foi organizado em parceria com Luiz Romero de Oliveira, Rita de Cássia Maia e Wilberth Salgueiro.



O cartaz do Bravos I, inaugural, em 2004, o livro que reuniu os trabalhos apresentados e o livro de contos de José Carlos Oliveira, cujo título inspirou RSN na nomeação do seminário.

Luiz Romero de Oliveira, Rita de Cássia Maia e Wilberth Salgueiro, os parceiros.



Com Lino Machado e Paulo Roberto Sodr , RSN organizou os próximos três seminários. Em 2006, a homenagem coube a Amylton de Almeida, recentemente falecido.



O cartaz do seminário em homenagem a Amilton de Almeida e o livro publicado.





RSN como organizador do evento em 2006, o livro-anais e a matéria de *A Gazeta*.



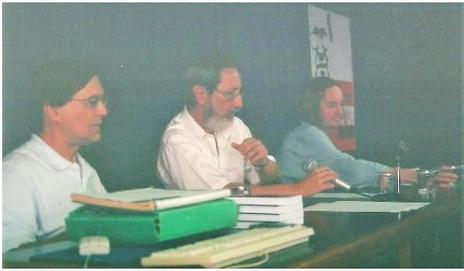
Antes do II Bravos, conversa num restaurante sobre organização do evento, com RSN, Lino Machado e Paulo Roberto Sodré.



RSN e Marcos Tavares e Francisco Aurelio Ribeiro (de costas).

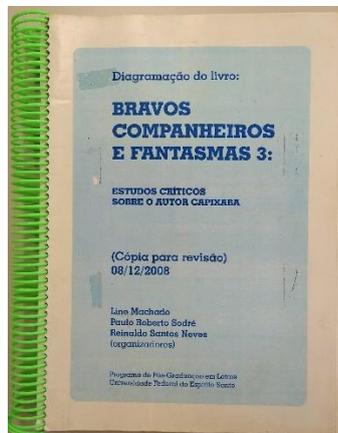
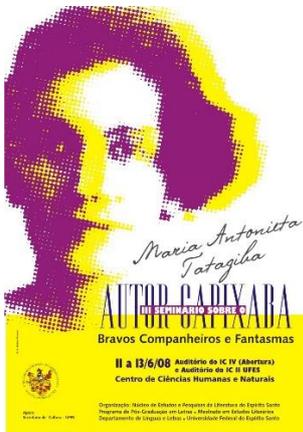


Wilberth Salgueiro, Luiz Romero de Oliveira e alunos apresentando uma mesa de comunicações sobre *Kitty aos 22*.



José Irmo Gonring, RSN e Sérgio Blank em mesa-redonda.

Maria Antonieta Tatagiba foi a homenageada do seminário de 2008.

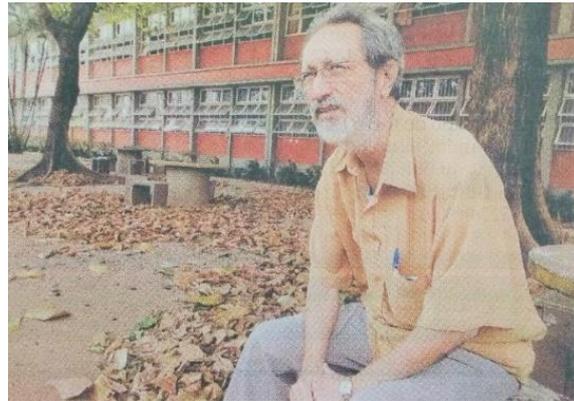


O cartaz, o copião do Bravos III e sua versão final.



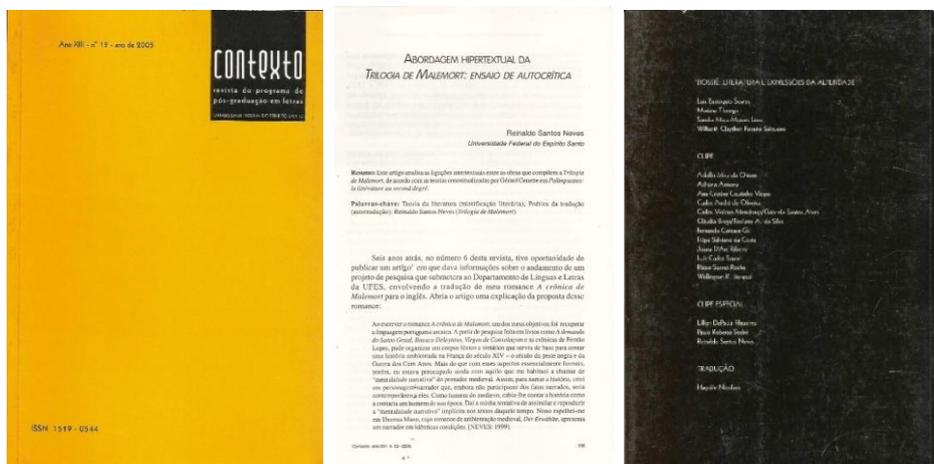
RSN como mediador de uma mesa de conferência com Marcelo Paiva e Luis Eustaquio Soares, na edição III do seminário, em 2008.

Em 2010, o Bravos IV homenageou Miguel Marvilla, poeta, contista e editor (para além de fotógrafo), recentemente falecido.

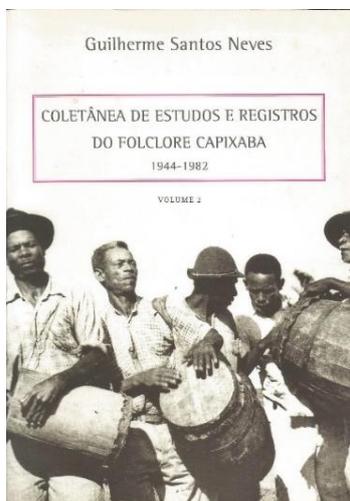
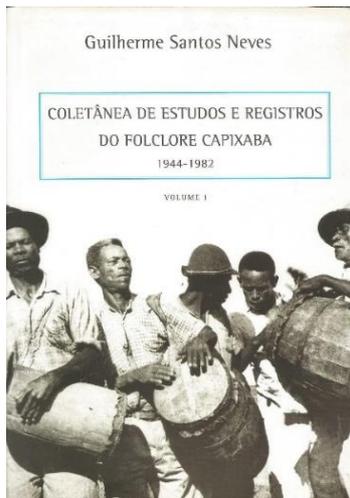


As paisagens da Ufes, a placa da sala do Neples. Nesse ambiente RSN (foto de Gustavo Louzada) atuou especialmente nos anos de 2000.

Paralelamente a essas atividades, coeditou o número 12 da *Contexto: Revista do Programa de Pós-graduação em Letras* da Ufes, junto com Raimundo Carvalho e Paulo Roberto Sodr , em 2006. Nesse número, RSN publicou um trabalho sobre autocr tica referente à "trilogia de Malemort".

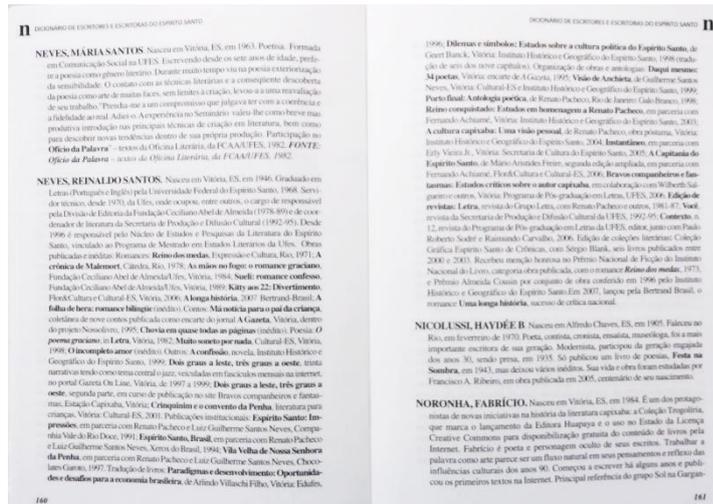
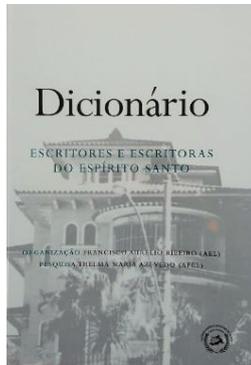


Outra realização editorial fundamental foi a publicação, em 2008, dos dois volumes de *Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba: 1944-1982*, de Guilherme Santos Neves, pelo Centro Cultural de Estudos e Pesquisas do Espírito Santo, com patrocínio da Petrobras S/A via Lei Rouanet.



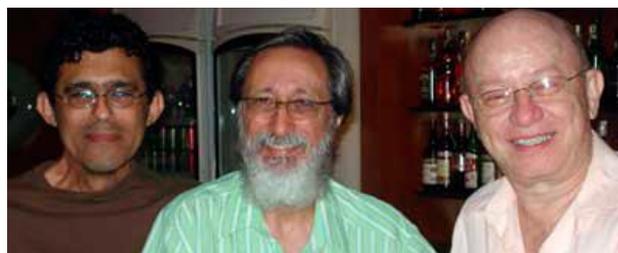
Os volumes da *Coletânea* de Guilherme Santos Neves (foto sem crédito) e o convite para o lançamento.

Nesse mesmo ano, RSN tem seu trabalho literário registrado em verbete no *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*, de Francisco Aurelio Ribeiro e Thelma Maria Azevedo.



Verbetes sobre RSN, no *Dicionário de escritores e escritoras do Espírito Santo*.

Produzido pelo SESC-Glória e organizado por Lídia Morena Passos e Beatriz de Oliveira Santos, várias edições do evento Café Literário foram realizadas no Hotel Majestic, na Cidade Alta, e contou com a participação de RSN, como em 2008, ao lado de Fernando Achiamé e Miguel Marvilla.



O convite para o Café Literário e os participantes Miguel Marvilla, RSN (num raro registro de sorriso aberto) e Fernando Achiamé (foto de Pedro José Nunes).

Em 2009, RSN se torna Escritor Residente da Biblioteca Pública Estadual do Espírito Santo Levy Curcio da Rocha (BPES), quando e onde mantém e prossegue um intenso trabalho de produção literária (a realização dos três volumes de *A folha de hera*, tradução de seu próprio *An Ivy Leaf*, publicados a partir de 2011 pela Secretaria de Estado da Cultura) e cultural (organização de palestras, lançamentos, exposições temáticas de livros etc. no âmbito da Biblioteca).



RSN (foto sem crédito) em seu "canto" de residente.

Um trabalho especial de avaliação do acervo Província da BPES, durante a gestão de Rita de Cássia Maia, foi capitaneado por RSN em 2009. Com ele formou-se um grupo de especialistas que orientou os bibliotecários na seleção de diversos volumes antigos da biblioteca para restauração.





RSN e Rita de Cássia Maia na BPES, durante os trabalhos de avaliação do acervo Província a ser restaurado.

No ano quando se encerra o recorte feito para esta *memorabilia* fotográfica, 2010, Eryl Vieira Jr. supervisiona e lança uma revista literária eletrônica intitulada *graciano*, em homenagem inclusive ao famoso personagem de RSN, Graciano Daemon, de *As mãos no fogo*. No número 0 do periódico o romancista concede entrevista aos editores sobre *A ceia dominicana*, também protagonizado por Graciano.



O número 0 da *graciano* (Vitória, 2010) e a entrevista de RSN.

Uma fotobiografia, segundo a reflexão de Fabiana Bruno,

é esse esforço intenso de ordem arqueológica, essa tentativa de descobrir e, na medida do possível, desvendar, camada após camada, imagem após imagem – dentro, embaixo, em cima, nos arredores, nos entrecruzamentos de *figuras* de ordens múltiplas – traços e vestígios de emoções, sensibilidades, sentimentos, sempre fragmentos da vida de uma pessoa ímpar (2014, p. 16).

Recuperar e montar os fragmentos aqui expostos, numa tentativa inevitavelmente frustrada de relatar o percurso de uma pessoa como Reinaldo Santos Neves, resulta numa espécie de micro-história da literatura espírito-santense, dada sua mediação, estímulo e sistematização da produção e difusão das letras capixabas. Estes vários cacos de vitral, fotografias eventuais, conseguem, a despeito da fragmentação e dos lapsos (isto é, ausência de imagens disponíveis), narrar minimamente a rota de um autor, cuja energia não se centrou na produção restrita a seu próprio *métier* literário. Sua competência editorial, em parcerias com intelectuais e escritores, vem contornando o campo literário capixaba, por meio de projetos, edições e eventos capazes de dar lugar a autores estreados ou esquecidos e de prestigiar os renomados.

Seja do ponto de vista de sua literatura, entroncada na prosa e habilmente vinculada à poesia e à literatura para criança, seja de sua editoria, atenta aos novos e aos “clássicos” locais, seja ainda do ponto de vista da coordenação de um núcleo de estudos e pesquisas voltado para a literatura que aqui vem se realizando, Reinaldo Santos Neves tem agregado e condensado em seu perfil a atuação ímpar de escritor rigoroso, de editor exigente e de pesquisador ponderado. Não se estranha, portanto, que a qualidade alcance as três facetas de seu trabalho com que vem procurando garantir à cultura do Estado um lugar no continente brasileiro.

Neste esboço de fotobiobibliografia, as imagens revelam um retrato parcial da trajetória de Reinaldo Santos Neves. Autor de uma produção densa, variada, extensa, em que a linguagem fundada em erudita intertextualidade reverbera a sensibilidade de quem conhece e sabe tratar do ofício magistralmente em prosa,

em verso, em irônica *confessio*, em arrojada autotradução, em sedutora contação de história.

Referências

AZEVEDO, Carmen Lucia de; CAMARGOS, Marcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato: furacão na Botocúndia*. São Paulo: Senac, 1997.

BRUNO, Fabiana. Fotobiografia: uma proposta antropológica e estética. *Revista Espaço Acadêmico*, Maringá, n. 163, p. 9-20, dez. 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/26003>. Acesso em: 11 fev. 2019.

CARINO, Jonaedson. A biografia e sua instrumentalidade educativa. *Educação & Sociedade*, São Paulo, ano XX, n. 67, p. 153-181, ago. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n67/v20n67a05.pdf>. Acesso em: 11 fev. 2019.

NEVES, Maria Clara Medeiros Santos. Rol de autores. Reinaldo Santos Neves. In: _____. *Estação capixaba*. Vila Velha, 2016. Disponível em: <https://photos.google.com/share/AF1QipOQtBIqAD43GvXnMvBJtJOHlFH1B_BtQ_WuPc4n8bgr9NBGr43_rmbpTtQsEnXBOW?key=V1RGUzJMc3YtTUFDQmd3bWdJNDV1T0dZVHRrQTB3>. Acesso em: 11 fev. 2019.

NUNES, Pedro José (Org.). *Tertúlia capixaba* [2005-]. Disponível em: <<http://www.tertuliacapixaba.com.br>>. Acesso em: 12 fev. 2019.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina. Biografia. In: _____. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 1987. p. 46-48.

SANT'ANNA, Mônica A. Heloane; VAZZOLER, Djalma. *Múltiplas escrituras: Reinaldo Santos Neves: vida e obra*. Vitória: Prefeitura Municipal de Vitória, 2001. (Coleção Roberto Almada, n. 8).

Recebido em: 5 de fevereiro de 2019

Aprovado em: 19 de março de 2019